

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Educar jovens num clube amador de futebol

Carlos Eduardo Dunshee de Abranches Jardim Filho

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Especialização – Desenvolvimento Social e Cultural

Relatório de Estágio Orientado
pela Prof^ª. Doutora Carmen Cavaco

Lisboa, 2020

“... que a importância de uma coisa
não se mede com fita métrica
nem com balanças nem barômetros etc. Que a
importância de uma coisa há que
ser medida pelo encantamento
que a coisa produza em nós.”

(Manoel de Barros)

RESUMO

Este relatório decorre do estágio curricular do Mestrado em Educação e Formação, na especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, realizado entre setembro de 2019 e junho de 2020, no clube de futebol *BX Brussels*, na cidade de Bruxelas. O trabalho teve como principais objetivos, a concepção, o desenvolvimento e o acompanhamento de atividades educativas. Neste sentido, centrou-se nos projetos já existentes, *BX Perspective*, *BX School* e *BX Match*, além da elaboração de uma nova estratégia para a instituição, no que se refere à visão do papel do clube na educação, através do desporto. Nas intervenções realizadas no âmbito do estágio adotou-se como perspectiva estruturadora a importância da formação integral dos jovens, decorrente das experiências de participação social, por meio da educação não formal. O período realizado numa organização desportiva, que orienta a sua intervenção para jovens da periferia urbana de Bruxelas, proporcionou-me o conhecimento da realidade deste público que busca a ascensão social através do futebol e o desenvolvimento de uma visão mais profunda da educação, enquanto estratégia para a promoção de uma formação integral, capaz de contribuir para o desenvolvimento de cidadãos que possam realizar seus anseios e participar ativamente na sociedade.

Palavras-chave: Educação Não Formal; Educação Integral; Futebol

RESUMÉ

Ce rapport est le résultat du stage du Master en Education et Formation, dans la spécialisation en Développement Social et Culturel, de l'Institut d'Education de l'Université de Lisbonne, qui s'est tenu entre septembre 2019 et juin 2020, au club de football BX Brussels, dans la ville de Bruxelles. L'objectif du stage était l'intégration dans l'institution, afin de promouvoir le soutien, le suivi, la conception et le développement d'activités éducatives. J'ai été principalement impliqué dans les projets *BX Perspective*, *BX School* et *BX Match*, en plus du développement d'une nouvelle stratégie pour l'institution, concernant la vision du rôle du club dans l'éducation par le sport. Dans les interventions réalisées dans le cadre du stage, l'importance de la formation intégrale des jeunes par le sport, résultant des expériences de participation sociale, par le biais de l'éducation non formelle, a été adoptée comme perspective structurante. Le stage effectué dans une organisation sportive, qui oriente son intervention vers les jeunes de la périphérie urbaine de Bruxelles, m'a permis de connaître la réalité des jeunes qui cherchent à s'élever socialement grâce au football et de développer une vision plus profonde de l'éducation, comme stratégie de promotion d'une éducation intégrale, capable de contribuer à la formation de citoyens, qui peuvent réaliser leurs désirs et participer activement à la société.

Mots Clés : Éducation Non Formelle; Éducation Intégrale; Football

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à minha família. Aos meus queridos irmãos, João, Ana e Lô, que ao longo desses anos todos de mudanças, sempre me deram todo o apoio e mostraram compreensão com as minhas decisões. Aos meus pais pelas visitas que fizeram, me ajudando a estar mais perto de ‘casa’, de onde sinto tantas saudades.

A dois amigos especiais. Ao Chico, que foi quem me deu força para recomeçar os estudos, incentivando-me a aprofundar neste assunto que há tanto beirava para seguir em frente nos meus sonhos. E ao Guti – consequentemente também à sua família – que sempre me acolheu tão bem em sua casa, com quem troquei bastantes ideias sobre o tema deste relatório, mas também sobre a vida, o universo e tudo mais. Que esses mais de 25 anos de amizade com os dois se perpetuem!

Às novas amizades que fiz tanto em Portugal, como na Bélgica. Aos companheiros de casa com quem morei, a todas as colegas de turma do mestrado, ao grupo de samba em Lisboa, aos amigos brasileiros em Bruxelas, só para mencionar alguns. Todos vocês fizeram-me sentir, de alguma forma, em casa durante este tempo.

A tantos outros amigos que sempre estiveram ‘perto’ de mim através das mídias sociais, com trocas digitais que muito me ajudaram, mas que fica inviável de mencionar um a um. Viver longe do Brasil sempre foi muito difícil, mas durante esta caminhada do mestrado, sempre pude contar com diversas pessoas que me fizeram sentir mais perto.

À Professora Doutora Carmen Cavaco, minha orientadora, pelas sugestões de leituras e pelas mudanças de direções sugeridas. Este trabalho tomou um caminho mais amplo também por esta ajuda e fiquei extremamente feliz com o resultado.

À Professora Ana Luísa Paz pelo lindo processo de escrita e pela sua maneira exclusiva de lidar com cada uma das questões que iam surgindo no curso do aprendizado durante as aulas, sempre atenta a todos os detalhes, deixando-me muito à vontade com as minhas limitações.

À Maria Thereza, que sempre esteve disponível para me escutar e ajudar a refletir sobre tudo o que ia acontecendo neste percurso, deixando-me mais tranquilo com as minhas vulnerabilidades, que o caminho ia revelando.

A escrita deste relato foi praticamente uma autoanálise. Dentro de toda a teoria explanada aqui, não me restam dúvidas que o processo de aprendizado é uma autoformação, na qual amplio a consciência, modificando à minha maneira de ser e de me relacionar comigo mesmo e com o outro. Porém, este processo só pode acontecer através das relações que tive com todos vocês e tantos outros. Meu sincero obrigado a todos!!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I

NARRATIVAS DO JOGO DAS MULTIDÕES.....	5
---------------------------------------	---

1. Futebol e Eu.....	5
----------------------	---

2. Futebol e a Cultura.....	8
-----------------------------	---

3. Futebol e o Brasil.....	8
----------------------------	---

4. Futebol e Política.....	10
----------------------------	----

5. Futebol e o Capital.....	11
-----------------------------	----

6. Sonho vs. Realidade.....	14
-----------------------------	----

7. Histórias de Jogadores.....	17
--------------------------------	----

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E DESPORTO.....	18
--------------------------	----

1. Desporto e sua dimensão educativa.....	18
---	----

1.1 Os clubes de futebol e educação.....	22
--	----

2. Educando Integralmente.....	29
--------------------------------	----

3. Uma alternativa: A Educação Não Formal.....	36
--	----

CAPÍTULO III

CLUBE DE FUTEBOL COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM.....	45
---	----

1. O Projeto	45
2. Identificação do contexto de intervenção.....	48
3. Atividades previstas.....	52
4. Da teoria à prática.....	54
4.1 No campo.....	55
4.2 Pesquisando.....	58
4.3 Uma nova visão.....	64
4.4 Novas perspectivas.....	66
4.4.1 O projetado.....	67
4.4.2 <i>Football 3</i>	70
4.4.3 Tornando-se profissional.....	72
4.4.4 Mentorado.....	73
4.5 Mundo Profissional.....	74
4.6 Covid-19.....	76
4.7 Sobre o estágio.....	76
CONCLUSÃO.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
ANEXOS	91
Anexo 1 – Perguntas para a pesquisa	92

INTRODUÇÃO

Este relatório foi realizado no âmbito do estágio integrado no plano de estudos do Mestrado em Educação e Formação, especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, através do programa Erasmus+. O objetivo do estágio foi a integração na instituição, no sentido de promover o apoio, o acompanhamento, a concepção e o desenvolvimento de atividades educativas. Estive, principalmente, envolvido nos projetos *BX Perspective*, *BX School* e *BX Match*, além da elaboração de uma nova estratégia para a instituição, no que se refere à visão do papel do clube na educação, através do desporto. A dinâmica realizada durante o estágio visou a promoção de atividades educativas no clube, com o objetivo de facilitar a integração dos jovens participantes no mercado de trabalho e, conseqüentemente, na sociedade. Partindo do princípio de que todo jovem é “um ser complexo, dotado de múltiplas dimensões e procurando proporcionar o desenvolvimento de sua totalidade, empoderando-o de suas potencialidades” (Camargo & Souza, 2017, p. 1), o propósito destas dinâmicas é que se tornem cientes de suas vontades e capacidades, para se autodesenvolverem no que desejarem e, assim, serem inseridos ao mercado laboral.

O *BX Brussels* é uma Organização Não Governamental, fundada em 2013 pelo jogador profissional belga, Vincent Kompany, que visa dar aos adolescentes da periferia de Bruxelas um suporte na sua educação. A grande maioria dos jovens destes bairros são filhos de imigrantes, que não tem a sua identidade cultural respeitada na escola tradicional e/ou na comunidade local. Além disso, em grande parte dos agregados, a estrutura familiar é insuficiente para a promoção de uma formação humana integral. Neste cenário, o futebol entra no campo de educação, “aglutina ideias e saberes produzidos via o compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos” (Gohn, 2014, p. 47). Desta forma, e considerando o contexto em análise, o futebol define-se como um processo de educação não formal, capaz de ajudar na educação integral destes jovens.

A educação não formal ocorre através de processos de intervenção sociocultural, por meio de dinâmicas distintas, como o teatro, a dança, a música ou o desporto, entre outras. O estágio focou-se no desporto, nomeadamente, no futebol, devido à missão da entidade acolhedora e aos meus interesses. O futebol é uma paixão mundial, através da qual os jovens, dos quatro cantos do mundo, interagem e se expressam. Deste modo, o futebol pode ser uma ferramenta para promover

uma intervenção educativa – promover valores (solidariedade, respeito, esforço, resiliência, gestão da frustração etc.), promover o desenvolvimento emocional, e, no geral, permitir oportunidades de aprendizagem a que os jovens não teriam acesso de outra forma. Além de exercer as tarefas pré-acordadas com a direção, meu intuito pessoal ao acompanhar o dia a dia de atividades de um clube desportivo, foi captar ideias de onde me inserir no futuro, ao término do mestrado e do estágio.

A decisão de investir em estudos acadêmicos na área da educação surgiu como forma de fazer uma mudança em minha vida, uma retomada que visa me colocar como autor da minha própria existência. Formado em administração, trabalhei na área corporativa e depois de um período sabático viajando e trabalhando em projetos sociais de educação, concluí que era importante ingressar em um curso para aprofundar meus conhecimentos no assunto e juntar as minhas duas principais paixões: educação e futebol. Este último esteve desde sempre em minha vida, como veremos mais abaixo na narrativa. No entanto, até começar a escrever este relatório, não conseguia entender por completo o significado que este desporto teve no meu desenvolvimento e o que significa para tantas outras pessoas, principalmente para os jovens que o enxergam como a única possibilidade de viver. Então, ao me distanciar do ‘mundo da bola’ por algum tempo, problematizando-o, identificando-me criticamente, me coloco novamente como aprendiz, conforme afirma Freire (2003), numa postura “de autorreflexão sobre seu tempo e seu espaço” (p. 44).

A educação, mais especificamente a educação não formal, entrou na minha vida há pouco tempo, ao perceber que é um caminho para a emancipação de povos excluídos, com os quais trabalhei, que vivem oprimidos, pelas forças do capitalismo contemporâneo. Portanto, na arte da escrita, realizei um processo reflexivo, de ressignificação de experiências passadas. Esta narrativa foi uma oportunidade de me redescobrir, de ajuizar sobre o modo como fui educado, identificando minhas competências e me reconfigurando através das palavras escritas. Assim, assumi conscientemente minha condição humana, pois é “no reconhecimento de sua historicidade e de seu pertencimento social, com base na hipótese de que o ato de narrar as histórias por ele experienciadas está na origem do conhecimento de si” (Passeggi, Nascimento & Oliveira, 2016, p. 115).

Ao conectar estes dois temas, procuro entender como uma instituição desportiva, mesmo que amadora, pode ter um papel essencial no desenvolvimento de seus jogadores e da comunidade próxima. O jogo, em sua natureza, é um instrumento socioeducativo, sendo um exemplo de

educação não formal em que “a aprendizagem situa-se num plano de horizontes e perspectivas, envolvendo, necessariamente, a questão da educação, da cultura e formação dos indivíduos (e não apenas preparação), das redes de compartilhamento e como se dá o próprio processo de conhecimento” (Gohn, 2014, p. 38). Quando orientados nesta perspectiva, os clubes de futebol podem contribuir para a educação de crianças e jovens, enquanto cidadãos. Nestes espaços de convívio, os amigos e familiares encontram-se diariamente, proporcionando assim, memórias e dinâmicas coletivas no espaço público, que podem ser orientadas para o bem comum.

Estes territórios têm um elevado potencial de aprendizagem, na intervenção junto aos jovens das periferias urbanas. Assim, estes jovens podem ter acesso a importantes valores como “o multiculturalismo, a ética da alteridade, respeito aos direitos humanos, celebração das diferenças culturais, valorização da inteligência emocional, a prática e instrução da cultura da não-violência, a vivência do cooperativismo, do comunitarismo, da tolerância, e da fraternidade” (Camargo & Souza, 2017, p. 7). Desta forma, a educação não formal realizada através do futebol pode garantir uma formação física, intelectual, emocional e ética, sendo o jovem desenvolvido de acordo com as suas próprias competências, sem deixar que educação seja meramente formulada pelo ponto de vista do capital, onde todos permanecem “estritamente dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica” (Mészáros, 2005, p. 26).

Durante o estágio, além de me envolver nos projetos acima citados, participei ativamente da concepção de uma nova visão e estratégia para o clube. Ambas tiveram como finalidade a formação integral do jovem, através da educação não formal, na qual o processo de aprendizagem é o mais importante. As dinâmicas educativas integradas na educação não formal apresentam “outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada pelo fato de não ter um curriculum definido a priori, quer quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas” (Gohn, 2014, p. 47), contrapondo-se à visão de educação ‘bancária’, criticada por Paulo Freire (2014).

O conteúdo deste relatório se divide em três capítulos. No Capítulo I – *Narrativa do Jogo das Multidões*, descrevo minha relação com o futebol e a importância do mesmo para a sociedade, baseado na ideia do jogo por pensadores como Huizinga e Hornby. No Capítulo II – *Educação e Desporto*, apresento os conteúdos teóricos da educação desportiva, integral e não formal, a partir de autores de referência como João Batista Freire, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Maria de Glória Gohn e Paul Tough. No Capítulo III – *Clube de Futebol como Espaço de Aprendizagem*, explano

como ocorreu a dinâmica do estágio, contextualizando o projeto, as intervenções realizadas, os aprendizados e as dificuldades sentidas durante todo o processo.

Meu intuito é que após a leitura desta narrativa, o leitor possa recuperar uma ideia do potencial educativo do desporto, nomeadamente, do futebol, ao mesmo tempo que este permite ensinamentos sobre a vida e para a vida. De tal modo, readquirindo sensibilidade para a humildade que nos faz aprender, reconhecendo-nos como ínfimos diante do que se passa em um jogo e fortalecendo a nossa imaginação para captar a grandeza dos sentimentos e as histórias reais que acontecem em nossa vida e no jogo.

CAPÍTULO I

NARRATIVAS DO JOGO DAS MULTIDÕES

1. Futebol e Eu

Ainda lembro de cada detalhe do meu primeiro jogo como espectador no Maracanã. O icônico estádio do Rio de Janeiro é o lugar onde geração após geração, todos os domingos, milhares de torcedores fanáticos socializam, torcem e manifestam suas emoções. Era domingo, 19 de setembro de 1993, e o Brasil jogaria contra o Uruguai afim de garantir a classificação para a Copa do Mundo dos Estados Unidos, no ano seguinte. Eu tinha 8 anos e quase não consegui almoçar devido à ansiedade que sentia.

Essa foi a minha primeira vez no ‘Maraca’, mas poderia enumerar todas as vezes que voltei ao mesmo estádio em diferentes épocas da vida e senti as mais diversas emoções, criando sempre uma memória do desporto bretão, como é conhecido no Brasil, e da minha vida. Como diz o ex-jogador Tostão, “o futebol é um esporte de razões e emoções surpreendentes, que ocorrem em um suspiro, em um piscar de olhos, entre uma batida e outra do coração” (2019, p. 110).

Nestes momentos, sempre estive acompanhado de amigos ou da família. O acontecimento narrado no início deste texto é uma de minhas primeiras lembranças de vida, em particular com o meu pai e que se tornou eterna. Momentos em que nada mais parece importar a não ser o jogo, criando um hiato de tempo dentro da própria vida, pois como afirma Huizinga (2008),

não pertence à vida ‘comum’, ele se situa fora do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos e, pelo contrário, interrompe este mecanismo. Ele se insinua como atividade temporária, que tem uma finalidade autônoma e se realiza tendo em vista uma satisfação que consiste nessa própria realização (...) como um intervalo em nossa vida cotidiana (p. 12).

É esse jogo que movimenta multidões e “promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces e outros meios semelhantes” (Huizinga, 2008, p. 17). Ainda hoje, passo horas em frente à televisão a ver partidas antigas de quando nem era nascido, gasto grande parte

do meu salário com ingressos para ir a jogos distantes de casa, consumo diversos produtos do meu time do coração, e dedico muitos de meus dias a, eu mesmo, jogar futebol.

O poder de encantamento desse certame não tem uma resposta racional, “ultrapassando a esfera da vida humana. (Quem já não viu cachorro brincando?). É na própria fascinação, na intensidade e paixão que residem as características fundamentais do jogo” (Huizinga, 2008, p. 9). Indo além, devido à miséria da existencialidade dentro de nossa solidão, a festa, na forma de jogo, veio para subverter esta realidade que nos é tão dura, de vez em quando, nos dando a alegria. Nick Hornby (2013) diz que “a vida real tem menos cor, é mais aborrecida e tem potencial menor para um delírio inesperado” (p. 19) do que um jogo de futebol. Complemento, novamente com a contribuição de Huizinga (2008), para dizer que festa e jogo possuem

as mais estreitas relações. Ambos implicam uma eliminação da vida cotidiana. Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade. Em resumo, a festa e o jogo têm em comum suas características principais (p. 25).

Não foi por acaso, então, que me envolvi tanto com o futebol. Dado que nunca fui muito bom aluno enquanto garoto, sempre considerado problemático por não parar quieto, achei no futebol uma atividade livre, “considerada como ‘não-séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total” (Huizinga, 2008, p. 17). O desporto foi para mim exatamente este intervalo num estilo de vida em que não me encaixava, uma atividade desligada de interesse material, praticada dentro de um espaço e tempo limitado, seguindo suas próprias regras, criando uma certa ordem “na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada” (Huizinga, 2008, p. 13). Sempre considerei estes momentos como uma oportunidade para ser livre, para brincar, ‘fazendo de conta’ para aprender sem as várias regras impostas pela escola e outras instituições, criando padrões em que não me encaixava, com os quais não conseguia me expressar. Tratava-se de “uma evasão da vida ‘real’ para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (Huizinga, 2008, p. 11).

Para além das experiências nos estádios, tive a alegria de jogar as famosas ‘peladas’, tendo contato com minhas emoções e conhecendo mais sobre a natureza humana, além do plano racional.

Seja quando bem criança, nos intervalos das aulas, onde todos os estudantes aprendiam sobre as regras da vida, sem ninguém para dar ordens ou se intrometer nos diversos conflitos que ali aconteciam; ou em jogos de campeonatos dos quais participo até hoje. O sentimento que carrego quando estou em campo é sempre de muita completude. Neste contexto, criei inúmeras histórias que me ensinaram e ainda me ensinam sobre a vida. Muito além da alegria de estar entre amigos, o jogo foi ensinando-me mais do que imaginava — a humilhação, a injustiça, os pequenos detalhes tão cruéis e tão amáveis —, me fazendo também aprender a perder e a mostrar admiração e respeito pelo outro lado, quando derrotado. Das quadras de pedra do pátio na escola, eu e meus amigos íamos para sala de aula, onde trocávamos figurinhas dos álbuns do campeonato nacional a cada ano sem nunca nos cansarmos. Sabíamos cada detalhe de cada equipa do Brasil e da Europa, onde nossos jogadores preferidos muitas vezes iam jogar, e assim também aprendíamos sobre novos países e suas culturas.

Com o passar do tempo, a ‘maturidade’ foi chegando, com outros deveres surgindo e a forma como encarava esse jogo foi mudando na minha vida, sem jamais perder a importância. Particpei de times onde viajávamos muito para jogar campeonatos fora do Rio, cidade onde morava, o que nos tornava quase uma família. Nas horas mais difíceis, tínhamos a nós mesmos para nos apoiarmos. Essa relação com o futebol foi ficando tão íntima e profunda, que resolvi seguir carreira. Como bem diz o blogueiro anônimo, que se autodenomina com o nome de um ex-jogador, József Bozsik (2018):

Quem ama o futebol, gosta de tudo o que lhe envolve: os personagens, as táticas, a bola, o acaso, o mental. Quem ama o futebol, tem saudade sincera dos grandes momentos e expectativa dos novos que viverá. Quem ama o futebol, tem sua sensibilidade voltada para o grande jogo e o bem que lhe passa, abrindo sua imaginação para o terreno fértil de todos os sentimentos que ali circulam e de todas as histórias que ali se constroem. É isto e basta (§ 15).

Porém, sei que nem todas as pessoas apreciam futebol desta maneira. Há uns que o veem apenas como entretenimento, e outros tantos que o desprezam. Para estes últimos, posso apenas dizer que como qualquer outra criação humana, este desporto é apenas um produto do que se faz

dele, não é bom nem mau em sua essência. Eu o utilizei da melhor maneira possível, proporcionando-me aprendizados, emoções e histórias para contar.

2. Futebol e a Cultura

Franklin Foer (2005) nos mostra a importância deste jogo, dizendo que “não é o mesmo que Bach ou budismo. Mas muitas vezes é mais profundamente sentido do que a religião, e parte da estrutura da comunidade, um repositório de tradições” (p. 9). O jogo pode nos servir para entender bastante do que se passou ou o que passa nas sociedades, mostrando o bem e o mal que atravessam a luta histórica pela anulação ou preservação das fronteiras culturais. Como Huizinga (2008) nos mostra, não é de hoje que “encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (p. 4).

O indivíduo estabelece uma relação com “representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece” (Passeggi, Nascimento & Oliveira, 2016, p. 114). Para muitos, o futebol é a mais importante dessas representações, mas não podemos confundir seu papel. O indivíduo pode entender o mundo como sendo “um enorme espelho que reflete a sociedade em que vivemos” (Kuper, 2003, p. 15), mas não o muda sozinho. Porém, pode como parte da comunidade, da economia e da estrutura política, ajudar a promover mudanças que desejamos. Quando utilizado adequadamente, nos lembra daquilo que realmente é importante em nossas vidas, da grandiosidade que transcende e está muito acima do egoísmo cotidiano de nossa sociedade. O futebol, assim como outros jogos, é uma criação que nos revela o todo, nos tornando humanos ao nos fazer entrar em contato com nossas emoções e nossa essência.

3. Futebol e o Brasil

No Brasil, o futebol é uma das paixões nacionais. Num país com tantos problemas, o jogar ‘bola’ foi e é a maior diversão das crianças, seja nas ruas, nas quadras, com pés descalços ou com tênis, com bola de verdade ou usando uma lata de refrigerante improvisada. Como diz Mário Filho em um de seus livros, “boas bolas aquelas de meia feitas pelos moleques. Podia se fazer com elas o que se quisesse. Até quebrar vidraças” (2010, p. 58). E como podia.

A influência do desporto na vida das pessoas está presente no mundo todo, com reflexo na educação e na cultura dos povos, e é por isso que no Brasil, ou em qualquer país do mundo, o futebol permite expressar uma forma de viver. Se analisarmos o jogo de diferentes seleções mundiais, podemos observar que mesmo apoiado nas mesmas regras, cada equipe expressa características culturais distintas, resultado de sua história e do significado que o jogo tem para a sociedade de seu país. Por exemplo, a Alemanha com seu jogo tático rígido contrapõe à alegria dos dribles brasileiros.

Imagine uma rua irregular e de terra. Esse era o campo de antigamente no Brasil. Os meninos começavam a brincar de chutar e controlar qualquer objeto que poderia ser usado como bola, e isso era feito no recreio da escola ou após as aulas, nos finais de semana. Todos correndo sobre a terra e as pedras como se seus pés fossem forrados por cascos. Mesmo diante da possibilidade de fazer o gol, o jovem de no máximo 10 anos passa a bola por entre as pernas do adversário e sai do outro lado com um sorriso aberto nos lábios, o que custou um gol, mas valeu a maior alegria do dia. Foi assim que criamos os maiores craques da bola, e “quando o Brasil começou a disputar campeonatos internacionais com aquela equipe cheia de negros, a partir dos anos 1930, o mundo se encantou com a habilidade daqueles meninos. Jogavam diferente, eram alegres, divertidos, irreverentes” (Freire, 2011, p. 38).

O futebol passou a ser exemplo da identidade cultural brasileira, sendo um jogo criativo, denominado ao redor do mundo como ‘futebol-arte’, resultado da junção dos diversos traços culturais, mostrando a pluralidade do nosso país. No início, de tudo fizeram para que o futebol no Brasil reproduzisse o modo de jogar dos ingleses e da elite brasileira, impedindo que as classes menos favorecidas da sociedade tivessem acesso a esse desporto. Porém, o esforço foi em vão, pois os mais pobres passaram a ter contato com este desporto mesmo assim. Por não poder praticar regularmente nos campos dos clubes e em campeonatos oficiais, os meninos ‘dos pés cascudos’ brincavam nas ruas ‘imperfeitas’ de sua forma, e assim desenvolveram habilidades únicas que tanto identificam o futebol-arte brasileiro. Seguindo um pouco da mesma história de como nasceu o nosso famoso carnaval, tendo os blocos de rua surgido dos mais pobres querendo imitar, ao seu jeito, os bailes da elite. Suas bolas eram mais leves e melhores que as bolas dos meninos ricos, “como balões de papel de seda subindo com qualquer *chutinho*. As bolas de meia ficavam mais no chão. Quase presas ao pé, aperfeiçoando, nos moleques, o que se chamaria mais tarde o domínio da bola” (Filho, 2010, p. 58).

Tudo isso nos mostra que “o aprendizado do futebol foi se dando de forma independente, mais lúdica e intensa, o que levou os negros e pobres, genericamente, a jogarem até melhor [que os outros]” (Magri, 2019). Quero deixar claro que não defendo a ideia de que para se jogar bem futebol é preciso ser pobre e/ou negro. Procuo apenas investigar como os melhores jogadores da história brasileira aprenderam o jogo, criando uma identidade nacional valorizada dentro e fora do país. Um futebol profissional em que os jogadores pareciam estar apenas brincando e que, em pouco tempo, chamou a atenção mundial. Como diziam mundo afora, “havia um país na América do Sul que jogava um futebol diferente. No começo, apenas diferente, divertido, bonito, gostoso de ver. Pouco tempo depois, além de bonito e diferente, também competitivo” (Freire, 2011, p. 56).

4. Futebol e Política

Não é exagero dizer que o futebol abrange várias dimensões das sociedades contemporâneas: a política, o estilo de vida, as formas de organização, os interesses econômicos entre outros. Através de Foer (2005), conseguimos entender como esse desporto nasceu na Inglaterra, e espalhado pelos ingleses através do seu império, explica componentes importantes da história. O autor deflagra a participação crucial dos bárbaros torcedores do Estrela Vermelha nas guerras dos países Balcãs; a ligação da violência dos hooligans no contexto da briga religiosa entre católicos e protestantes no Reino Unido; ou como o futebol foi o estopim de uma revolução pacífica que levaria a democracia, a liberdade e o avanço ao abatido Irã dos aiatolás.

No contexto do Brasil, olhando-se para o passado, é possível entender, através do futebol, qual era a política do governo federal na década de 1990. Aquele momento foi marcado pela crença da maior parte da população de que os problemas econômicos seriam resolvidos com a abertura do mercado nacional ao comércio exterior. A seleção canarinho, sempre muito reconhecida pelo futebol-arte característico da América do Sul, mas sem ganhar títulos há muito tempo, também achou que poderia ser campeã copiando o que vinha de fora. Enquanto o presidente prometia revolucionar a economia com tecnologia estrangeira, o treinador se inspirou numa tática europeia. O resultado foi o mesmo em ambos os contextos: um fracasso.

Além de ser um prisma através do qual é possível entender o mundo, com o passar do tempo, o futebol também passou a ser utilizado para fins políticos. Com tamanha paixão gerada

em tantas pessoas, o futebol ganhou a capacidade de criar um consenso social implícito, conseguindo, até mesmo, a adesão popular aos ideais da classe dominante, segundo Sadi et al. (2004). A visão agregadora gerada pelo futebol, foi explorada pelos governantes, viabilizando assim a diminuição de barreiras sociais, pelo menos, temporariamente, por ocasião dos espetáculos desportivos. Em um país com tamanha desigualdade como o Brasil, o futebol permitiu a criação de um sentimento de pertencimento, de socialização, ocultando o contraste social existente e as tensões entre as diferentes classes, quando os mais desfavorecidos festejam e expressam-se nos estádios junto com os mais abastados.

Sadi et al (2004) também mostra como o desporto foi instrumentalizado pelo poder e usado politicamente pelo governo militar dos anos 1970, a fim de disciplinar a população. Desta forma, criando um modelo de reprodução apenas do aspecto do rendimento, preparando os corpos dos alunos para o trabalho produtivo necessário à sociedade capitalista. O que leva à minha próxima análise, demonstrando essa relação íntima que se criou entre o capital e o futebol moderno, desconsiderando aspectos sociais, históricos e culturais em sua prática.

5. Futebol e o Capital

O desporto de hoje assumiu características de competição, rendimento físico-técnico, treinamento exaustivo e busca de recordes, “onde os homens se medem pelo valor, pelo esforço e pela disciplina. Onde o respeito pelo vencedor é merecedor de uma vénia que lhe atribui força e carácter” (Marinho, 2014, p. 22). Com base nesta ideologia, o desporto tem passado conceitos à sociedade que reforçam o individualismo em detrimento da solidariedade; privilegiam atividades repetitivas e mecânicas em detrimento da liberdade de movimento, da criatividade e da ludicidade; favorecem a ação impositiva do professor em detrimento do diálogo e da liberdade de expressão; e reforçam a ideia de ascensão social através do desporto. Esta forma de compreender o desporto, reflete como a sociedade funciona atualmente, com a mercantilização de todos os aspectos da vida cotidiana, que nos faz sentir falta daquele toque de beleza e simplicidade.

A “formação humana é atravessada por interesses das classes dominantes e dos modos de produção, de tal modo a desarticular o trabalho da formação humana, direcionando a educação conforme a divisão das classes e subordinando o trabalho ao capital” (Silva, 2011, p. 80). Esta mentalidade coincide com o crescimento do capitalismo pelo mundo, expressando características

da nova sociedade industrial, em que “o ‘tempo dedicado ao lazer’, é levado hoje à perfeição sob o domínio do ‘espírito comercial’” (Mészáros, 2005, p. 30). O futebol, como um espetáculo mundial, tornou-se mercadoria, patrocinado por grandes empresas comerciais e utilizado como propaganda de suas marcas.

É notório que o futebol passa por uma crise, em que valores socioculturais, como respeito e solidariedade, não estão presentes no ambiente de aprendizagem. São comuns os casos de jogadores que apresentam doenças mentais ligadas à modernidade capitalista como a ansiedade, a depressão ou o estresse. Isto acontece pois são dados sentidos antagônicos à formação humana e à profissão de jogador “devido a subordinação a lógica capitalista de produção, pois como modo de produção da existência o homem vende a sua força de trabalho e a educação é direcionada para atender as demandas do mercado” (Silva, 2011, p. 90). Depravamos a personalidade humana ao elogiar e criticar o mesmo comportamento considerando apenas um aspecto: o resultado, e assim, pervertemos toda relação que criamos com o futebol e seus agentes, levando exímios jogadores a sabotar o seu dom que é ofertado em campo.

Portanto, é necessária uma reflexão de quais são os valores desejados na prática esportiva. No Brasil, o atual foco é, desde cedo, passar a jovens aspirantes — que veem o desporto como a única forma de ascensão social — treinamentos de força e tática. Desta forma, replica-se o modelo do futebol europeu, para que os jogadores sejam enquadrados desde muito cedo à maneira estrangeira de jogar e assim facilitar a exportação de jogadores a equipes do velho continente a um preço alto, tornando empresários e dirigentes ainda mais ricos.

Um modelo de sociedade que também moldou o desenvolvimento das cidades e trouxe o aumento excessivo de prédios, fábricas e outras construções. Todos desenhados para carros e adultos. As crianças já não têm lugar para brincarem, perdendo seu direito à liberdade. A parte lúdica, social e educativa da prática desportiva, na qual é possível que os jovens passem por um processo de autoformação, se perdeu.

As arquibancadas também sofreram, com a exclusão a que parte da população mais pobre foi submetida. Nos dias de hoje, os mais ricos se tornaram os únicos nos estádios, enquanto a classe mais baixa ficou de fora, pois já não tem mais condições de pagar pelo alto preço dos ingressos. Essa situação nos remete a uma importante discussão sobre a popularização do futebol, já que “tal processo se confrontou às tentativas e estratégias de distinção social implementadas pelas elites esportistas do início do século XX, que obstaculizaram como puderam a participação mais

universalizada das camadas populares no campo de jogo” (Toledo, 2000, p. 244). Ao excluir o pobre do espetáculo futebolístico, também se promove a sua exclusão da sociedade, uma vez que o estádio foi, durante anos, um espaço democrático de inserção social, ainda que momentânea.

Como Toledo (2000) sublinha, esta nova tentativa de segregação provoca efeitos negativos como o aumento da violência. Claudio Carsughi (2019) em sua entrevista à Revista Corner, destaca como torcedores mudaram a maneira como veem e vivem os jogos, fazendo uma comparação da derrota da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014, ambas disputadas no Brasil:

Em 1950 foi uma decepção, mas, digamos, uma decepção – como eu poderia defini-la? – educada. Uma decepção como a de uma criança de quem você tira o doce da boca. Em 2014 foi uma decepção raivosa, de querer a todo custo crucificar alguém de raiva, de insatisfação. Enquanto em 1950 o futebol ainda era um jogo, era uma diversão, hoje o futebol é, apenas e tão somente, a tentativa de expressar aquilo que você sente. Você – que não consegue ter êxito na vida, que briga com seu chefe, que encrenca em casa com a mulher, que tem uma vida ruim – encontra no futebol, se o teu time ganhar, a forma de você ter uma afirmação positiva. E quando isso não acontece, vem a raiva, vem a vontade de agredir. Você vê o caso das torcidas organizadas. Quando eu cheguei ao Brasil você via torcedor sentado lado a lado, um com a camisa do Palmeiras, outro com a camisa do Corinthians, outro com a camisa do São Paulo, sem nenhum problema. Hoje isso é impensável. (p. 69)

É importante frisar que o atual movimento de profissionalização dos clubes — com aumento de especialistas em finanças, logística e outras áreas técnicas — é extremamente benéfico por acabar com problemas sérios do passado, como os salários atrasados, más condições de trabalho e amadorismo em campo. Porém, tão importante quanto, é lembrar o aspecto social do jogo; seu papel não só na vida dos jogadores, mas também na vida de cada torcedor, cada espectador. É necessário ter cuidado com a comercialização do futebol. Tratá-lo apenas desta maneira é para quem “não ama o jogo, não ama os seus personagens, não ama as suas ricas histórias, mas o usa, o parasita, para colocar para fora sua dor interna que criou um ressentimento arraigado” (Bozsik, 2018, § 7).

O mundo do futebol é hoje como um balcão de negócios, onde os que tem sucesso vêm da classe mais baixa – 90% para ser mais preciso (Rigolin) – de uma realidade difícil, de situações de extrema pobreza, sem estrutura familiar, com histórico de alcoolismo e violência na família. E de repente sofrem um choque, uma mudança drástica, ganhando dinheiro e sendo treinados para se tornarem máquinas e depois vendidos como produtos sem lhes dar o devido respeito, os afastando de uma educação e da possibilidade de se desenvolver integralmente.

As federações, seja a nacional ou as regionais, assim como os clubes, têm o papel crucial de cuidar do desporto como um bem cultural do país e não só fazer dele um meio de exploração financeira para lucrar. Em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o principal órgão deste desporto do país, teve um faturamento de R\$ 957 milhões (‘CBF registra’, 2020). Podemos compreender que existe há dinheiro suficiente para investir em projetos de cuidado com esses seres humanos que podem ser considerados patrimônios do país. A Alemanha, por exemplo, investiu na formação de técnicos e jogadores, e, atualmente, “o clube tem que contar, por exemplo, com um pedagogo, um psicólogo e realizar palestras para jovens sobre temas como manipulação de jogos, doping e redes sociais” (Schrage, 2014, § 10). No Brasil, a valorização do indivíduo se perdeu em meio à indústria do capital, e por isso sóe faz necessário um trabalho sério, voltado para o desenvolvimento do ser humano e do desporto como um bem social e cultural.

6. Sonho vs. Realidade

Quando um menino pobre do Brasil cresce amando o futebol, jogando na rua do bairro, está sonhando em um dia jogar em um estádio lotado, se tornar ídolo, mudar de vida conseguindo a ascensão social, comprar uma casa grande e garantir o futuro de toda sua família. Segundo Zaluar (1994), quanto mais pobre, mais forte é esse sonho de ascensão profissional por meio do desporto. Contudo, apesar de existirem exemplos claros na história como Ronaldo, Neymar, Romário entre outros, este não é o verdadeiro cenário para a grande maioria, pois representam a exceção.

Considerando que “do total de R\$ 1 bilhão em salários CLT anuais, apenas 7% dos atletas concentram 80% destes valores – ou seja, uma fatia de R\$ 800 milhões para poucos... (e) ... 55% dos atletas profissionais recebem aproximadamente R\$ 1 mil” (Zarko, 2019, § 2), o equivalente a menos de um salário mínimo. Um outro estudo feito em 2016, divulgado pelo site Globoesporte (‘Em relatório’, 2016), apontava que do total de 28.000 jogadores inscritos nos clubes nacionais, 80% ganham até R\$ 1 mil, ou seja, menos de um salário-mínimo, e 96% ganham até R\$ 5 mil.

Estes dados indicam como a maioria não ganha suficiente para viver apenas do futebol, e por isso precisam de outro emprego. O estudo recente, realizado em 2019, feito por Sales, da Universidade do Futebol e Indústria da Base, mostra que cerca de 15 mil jogadores, do total de 18 mil, registrados na Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol, ficam desempregados nos períodos do ano com menos competições. Entende-se por isso, que os sonhos que tantos têm quando jovens são concretizados apenas por alguns.

É difícil detalhar qual a percentagem de jogadores que chega a ter ‘sucesso’. No entanto, mesmo a parcela abastada que ganhou milhões terá um caminho não muito diferente, considerado que 30% dos atletas em atividade estão perto da ruína financeira e 50% deles estão falidos quando terminam a carreira, como mostra a matéria (‘Metade’, 2011, § 2) do site Globoesporte. Analisando ainda este cenário, mesmo os jogadores que chegam ao êxito, sofrem com problemas emocionais que são resultados de uma falta de estrutura na infância – sem escola e sem referências (Baibich, 2016).

No Brasil, temos exemplos de jogadores como Garrincha, conhecido como Anjo das Pernas Tortas, considerado junto a Pelé como o maior jogador de todos os tempos, que morreu abandonado, sem dinheiro, com graves problemas de saúde mental e física, acusado de ser alcóolatra e de abusar da sua última esposa. Não são poucos os casos de ex-atletas, seja do futebol ou de outros desportos, que morrem abandonados em condições precárias; morando de favor, sem ter dinheiro para comer, vivendo apenas da ajuda dos próximos. Essa realidade não é uma exclusividade de países pobres, embora acentuada devido à estrutura da sociedade. Temos os casos de George Best ou Paul Gascoigne, ídolos do futebol inglês e irlandês, que tiveram um final de vida igualmente melancólico.

Todos esses casos mostram que o futebol constrói heróis, mas também os destrói — por vezes, numa velocidade até mais rápida do que os cria. Compreende-se que os jovens das classes mais baixas vejam o desporto como única forma de saírem da extrema pobreza em que vivem, uma vez que o sistema público e a estrutura desigual da sociedade não dispõem de uma educação de qualidade afim de proporcionar oportunidades de sucesso noutras áreas. Porém, é só depois de adulto que começam a entender as dificuldades da carreira, mas ainda assim, seguem firme em busca do sonho. Podem-se apontar duas razões para isso: “acreditar muito no próprio talento e dedicação, apesar das estatísticas difíceis, e não ver alternativas melhores, falta a eles qualificação” (Sales, 2019, § 30).

Quando descobrem seu talento, que surge pela paixão pelo desporto nos campos de várzea espalhados pelas periferias das grandes cidades, uma tremenda carga é posta sobre seus ombros por ser a esperança de um futuro mais digno para toda uma família. Por isso, perdem a juventude treinando, abandonam os estudos, sem aproveitar as fases da adolescência de maneira adequada e, desde cedo, já são explorados por empresários e clubes que querem utilizá-los ao máximo para vender ao exterior e lucrar milhões.

Começam a ser tratados como objetos, se especializando em um período de vida que deveria ser ocupado com diversificação, recebendo cobranças exageradas de resultados no período de formação em que teriam de ser mais leve. Em nenhum momento a individualidade, a vontade ou a velocidade de desenvolvimento daquele ser humano é respeitada, igualmente, não existe uma preocupação com o desenvolvimento emocional, social ou pessoal deste. Tenho para mim que existem muitos desses jovens que nem mesmo gostam do desporto, mas seguem somente por influência familiar ou pelo sonho de ganhar dinheiro.

Aos que obtém êxito, ao se aposentarem, será que estão prontos para seguirem a vida? Uma pessoa que, pela fama, sempre foi paparicada por todos, esteve sempre na mídia, teve seu ego inflado, mas, de uma hora para outra, é abandonada, como reage? Desaparecem os gritos da torcida, não há mais glamour na rotina, a imprensa muda de foco, os altos salários se acabam. Imagine um ser humano que só foi ensinado a fazer uma atividade em sua vida e, em instantes, não pode mais exercê-la? E, com mais da metade da vida pela frente, o jogador vai fazer o quê? O ex-jogador brasileiro, Paulo Roberto Falcão, outrora conhecido como o Rei de Roma, certa vez disse: “O jogador de futebol morre duas vezes – a primeira, quando para de jogar” (Germano, 2013, § 3).

A ideia não é também demonizar o desporto para que os jovens desistam da carreira, mas mostrar que, como tudo na vida, é preciso esforço e nem sempre acontece como esperamos. Além disso, há aspectos mais importantes que a vitória e o sucesso, dentre os quais destaco: o aprendizado, a formação de caráter, os valores e a socialização. Por isto, é preciso contemplar o futebol como sendo mais do que apenas um negócio. A prática do futebol é uma ferramenta eficaz para educar os jovens, em seu desenvolvimento humano, social e cultural, pois apresenta de uma forma dinâmica, normas sociais de aceitação de regulamentos e regras que mais tarde serão muito úteis em sua vida pessoal, se forem devidamente aprendidas.

7. Histórias de Jogadores

O ex-jogador Cicinho, em uma entrevista ao jornalista Pires, do jornal eletrônico El País (2018), nos presenteia com sua opinião que corrobora com a teoria de que o atleta precisa de uma educação mais abrangente da carreira e da vida. A abordagem atual, na qual o atleta não tem um sentido crítico e nem é ensinado a lidar com suas emoções, leva a maioria dos profissionais a tomarem decisões equivocadas criando problemas pelo resto da vida, como relata abaixo:

O futebol tem o poder de criar ilusões, a carreira do atleta é curta. A gente acaba se entregando aos prazeres momentâneos e se esquece de planejar o futuro. O sucesso vem e vai embora mais rápido do que se imagina. E, depois que um jogador deixa se levar pela fama, não dá para voltar atrás (§ 23).

Para o clube, isto também é benéfico, pois contemplar uma educação integral do atleta ajuda seu desempenho em campo. Em 2019, Daniel Alves, atualmente jogador do São Paulo FC, em entrevista ao canal SporTV, destacou como o elemento emocional é importante, influenciando diretamente o desempenho desportivo, já que o jogo muitas vezes não é somente o que acontece dentro de campo, “é também o que você vive fora, bastidor, se você está bem fora de campo, isso tem que saber. Se você vai tocar a bola ali e seu corpo está desequilibrado, a chance de erro é maior” (2019, § 21).

Nas próximas páginas, apresentarei alternativas possíveis para o modelo atual, com o objetivo de melhorar a formação de tantos jovens brasileiros que se aventuram a profissionalizar-se no mundo deste desporto, trazendo benefícios para todos os envolvidos.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO E DESPORTO

1. Desporto e sua dimensão educativa

Ao longo da história, os humanos construíram uma cultura ligada às questões corporais e “assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte” (Sadi et al., 2004, p. 113), que foi sofrendo constantes transformações, tanto em sua prática, como nos significados que lhe são atribuídos. Conforme Bracht (2005), o exemplo de desporto predominante, nos dias de hoje, no Brasil, é o de alto rendimento, mesmo quando este acontece na escola ou em espaços públicos, num modelo de busca da perfeição da técnica por parte de seus praticantes. O desporto tem diferentes nuances, especialmente, um viés educativo. Nesse sentido, pode ser entendido como um fenômeno sociocultural não limitando o movimento a um conjunto de articulações e forças. Ao reconhecer os valores que derivam desta atividade e nos vinculam a nossos mais íntimos sentimentos, cria-se um ambiente que eduque e que ajude na formação integral do indivíduo, “dando-lhe asas para que o sentido da vida e do esporte não o deixem cair no logro da intenção, pelo contrário, que o façam despertar para o ato de sonhar e de criar com elevada eloquência poética” (Marinho, 2014, p. 19).

Portanto, é importante que os educadores tenham um entendimento holístico do corpo, vendo-o também como lugar das nossas emoções e sensações, com importância social e cultural, e não apenas como um instrumento a serviço do intelecto. Segundo Betti (1993), a cultura desportiva faz parte da cultura corporal, que, por sua vez, é parte da cultura humana. Ao relacionar a pedagogia do desporto com o desenvolvimento humano, o intuito é mostrar a atividade física como um ato complexo, estando presente na vida de inúmeras pessoas, possuindo uma linguagem e podendo-se encontrar soluções para uma adequada formação física e social. Para Assis (citado por Eren, 2014), a prática de desporto regular, além de trazer benefícios para a saúde física, ajuda a melhorar o bem-estar psicológico, aumentando a capacidade de raciocínio, memória, percepção, conseqüentemente, estimulando o rendimento escolar, a confiança, a capacidade para lidar com as emoções e o autocontrole. Contribui ainda para diminuição do absentismo, do uso substâncias, e assim como para a melhoria de diversos problemas de saúde, como por exemplo a depressão.

Na teoria Montessoriana, uma pedagogia italiana criada por Maria Montessori, defende-se a existência de uma correlação entre coordenação física e desenvolvimento de inteligência, pois as atividades físicas requerem concentração. Movimento e as atividades cerebrais não podem ser separados. Em uma entrevista, Poussin (2019), professora do método, defende que Montessori “insistia que o movimento é sempre necessário. É por isso que todas as atividades disponíveis em seu sistema de aprendizagem envolvem habilidades motoras brutas ou finas” (p. 34). Neste método de aprendizagem, a criança se desenvolve melhor com o movimento direcionado, controlado e que tem um objetivo preciso. As crianças se movem assim como estudam, e numa sala de aula, estão constantemente interagindo, formando uma espécie de comunidade e atmosfera semelhante à de uma equipe desportiva.

Mesmo durante esses anos iniciais de vida, o jogar e o brincar exercem grande influência psicológica, principalmente nos períodos de formação do caráter e da personalidade. Nas escolas, assim como em outros locais de socialização, a prática esportiva apresenta-se como mais uma alternativa para o desenvolvimento dos valores, assim como também “oferecendo uma ampla gama de ações destinadas a preencher construtivamente o tempo livre de crianças e jovens, contribuindo para sua formação” (Lima citado por Emer, 2014, p. 2). É dessa forma que crianças aprendem a lidar consigo mesmas, com seus impulsos e com os outros, aprendendo o que é limite, mostrando que a prática de desportos é sim, um instante no qual é possível aprender, a desenvolver competências e também a capacidade de pensar e refletir sobre seus atos.

Na adolescência — período em que esta pesquisa está focada considerando que é a fase em que os clubes têm mais acesso aos jovens — um dos grandes desafios dos educadores para desenvolver um trabalho mais elaborado é mudar a perspectiva predominante, que aprecia o ensino tecnicista, uma tendência que valoriza fundamentalmente a repetição, que ao longo da história “pouco se preocupou em educar considerando, e até mesmo respeitando, a complexidade das pessoas e dos fenômenos sociais” (Santana, 2005, p.1). Deste modo, percebe-se a importância de a instrução do desporto ser transformada didaticamente, numa perspectiva de processo educacional amplo, focada na resolução de problemas, na valorização da criatividade, do respeito à individualidade, buscando que cada um descubra sua maneira de jogar.

O desporto, com suas regras e categorias, pode cooperar no desenvolvimento dos jovens, reforçando o conceito de coletivo sobre o individual, protegendo o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que o jogo se faz junto com o outro, e o constituindo como

um espaço para novos experimentos motores. É em um campo de jogo, de brincadeira e de descoberta onde crianças se sentem reconhecidas e protegidas. Segundo Gonçalves (1994), o desporto não é um fim em si mesmo, mas uma oportunidade que pode permitir responder a alguns desafios educativos relacionados com o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens. Nesse sentido, é usado em diversos programas sociais como forma de apoiar jovens em situação de risco social, pois quem aprende um desporto:

... pode desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificado, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com a rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social (Freire, 2011, p. 9).

Então, a prática desportiva cotidiana abrange diversas atividades, tornando-se uma ferramenta de educação importante, num registo de complementaridade à educação de crianças e jovens promovida pelas escolas e pelas famílias. Desta forma, aprofundo-me na discussão do desporto como um meio para valores indispensáveis para a vida em sociedade como a disciplina, o respeito, a dedicação, a persistência, a aceitação social, as habilidades motoras, o desenvolvimento do trabalho em grupo, o estilo de vida saudável, a convivência com as diferenças interpessoais, a inclusão e à amplificação das perspectivas de vida.

Por exemplo, em um jogo de futebol, antes da ação motora, é necessário descobrir o problema do jogo a resolver, demonstrando que é necessária a inteligência também para jogar. Por isso, um educador, no caso um professor de educação física ou um técnico, necessita transformar-se para criar possibilidade de aprendizagem e de melhoria da performance nos jogos, com os seus alunos. Desta forma, este educador pode oferecer desafios para instigar o lado criativo do jovem, possibilitando que este construa e reconstrua seu universo de valores, significando e ressignificando atitudes, ao mesmo tempo que desempenha sua atividade. Ao afastar-se de uma prática de competição exagerada e agressiva, o desporto oferece amplas oportunidades para o professor proporcionar aos alunos autênticas experiências corporais, já que “o movimento é um comportamento, uma postura, uma presença e uma intencionalidade. Assim o movimento não é só uma linguagem, mas torna-se uma fonte inesgotável de simbologia que lhe confere uma grandeza ilimitada” (Santin, 1987, p. 62).

Durante os anos de formação, é necessário espaço e tempo que dão a oportunidade para grupos se formarem e praticarem, especialmente por livre iniciativa, atividades físicas, valorizando a ampliação da cultura do brincar e do jogar, na perspectiva de construir uma ação libertadora. A contribuição nesse aspecto tem um valor incalculável, sobretudo quando se tem um amplo olhar de experiências corporais que nos possibilitam escolhas e inserções em diferentes contextos, além de ajudar jovens a desvincularem-se da fase egocêntrica da infância.

Para efeitos do meu trabalho, irei dividir em três diferentes níveis o ensinamento de desportos a jovens, focando mais no último por razões que explicarei mais à frente. O primeiro é o desporto recreativo, que tem como intuito o bem-estar dos seus participantes, valoriza o prazer e a diversão, onde se cria o amor pelo jogo, baseado no sentido democrático, valorizando as possibilidades individuais e descentalizando o resultado, muito ligado ao tempo livre e lazer da população. Num segundo nível, o desporto educativo acontece principalmente no ambiente escolar, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento integral da criança, afirmando-se como uma atividade cultural. Esta modalidade busca o desenvolvimento de atitudes motrizes e os aspectos afetivos, cognitivos e sociais, respeitando os estágios do desenvolvimento humano e à integração social, possibilitando aos alunos a chance de decisões sobre a própria atividade a ser desenvolvida. Como parte do processo educativo, busca-se o aumento do número de alunos envolvidos, a continuidade do processo de participação esportiva, projetando a disseminação da prática e da cultura esportiva, aliando o prazer à técnica. Por último, há o desporto competitivo que é a prática com o fim de alcançar a vitória, buscando o aperfeiçoamento da técnica através das repetições, muito comum em clubes ou instituições voltadas à competição, envolvendo quase sempre questões de interesse financeiro. É neste aspecto que irei focar, visto que meu estágio aconteceu em um clube de futebol e, no futuro, meu interesse é trabalhar com a formação de jovens neste mesmo ambiente.

Mesmo que competitivo, esta maneira de tratar o desporto precisa de cuidados para não reproduzir o desporto de alto rendimento adulto. A especialização prematura é um grande risco do desporto competitivo durante a iniciação esportiva, pois expõe as crianças a situações de grande exigência e tensão, a treinamentos intensivos e precoces em busca de altos rendimentos, inserindo-a antecipadamente no mundo adulto. Como vimos no capítulo anterior, serão poucos os que conseguirão sucesso, deixando maioritariamente crianças frustradas com os resultados e sem o devido desenvolvimento formativo para seguir a vida em outra realidade. Além disso, existem

riscos à saúde que certos exercícios realizados repetitivamente podem gerar, como o Burnout, uma “uma resposta psicofisiológica exaustiva que se manifesta como um resultado de uma frequência, muitas vezes excessiva, e geralmente com esforços ineficazes na tentativa de conciliar um excesso de treinamento com exigências da competição” (Samulski, 2002, p. 349), muito comum na atualidade.

A este respeito, Bauman (2006) relembra que “o valor, o mais precioso dos valores humanos, o atributo *sine qua non* da humanidade, é uma vida de dignidade, não a sobrevivência a qualquer custo” (p. 111). Por isso, torna-se crucial que esses ambientes respeitem o lado humano dos adolescentes. É neste sentido que Cruyff (2012), um dos mais conhecidos futebolistas da história, nos ensina que aos mais novos, mesmo em clubes profissionais, é “importante não perder de vista nem o lado lúdico nem o trabalho construtivo” (p. 15), pois todos têm o direito de aproveitar do futebol. E depois que o jovem se apaixona pelo jogo, será mais fácil ensiná-los sobre tática, treinamento físico etc. Mas sem isso, será um trabalho muito árduo, como aprendemos da anedota que o educador brasileiro, Rubem Alves (2008), fez com o ensino da jardinagem:

Se eu fosse ensinar a uma criança a arte da jardinagem, não começaria com as lições das pás, enxadas e tesouras de podar. Eu a levaria a passear por parques e jardins, mostraria flores e árvores, falaria sobre suas maravilhosas simetrias e perfumes; a levaria a uma livraria para que ela visse, nos livros de arte, jardins de outras partes do mundo. Aí, seduzida pela beleza dos jardins, ela me pediria para ensinar-lhe as lições das pás, enxadas e tesouras de podar (p. 34).

Nas próximas páginas, analisarei mais este ambiente de aprendizagem de clubes de futebol no Brasil e como posso, através da teoria do desporto como atividade pedagógica, melhorar a dinâmica afim de potencializar o desenvolvimento pessoal dos indivíduos ali presentes.

1.1 Os clubes de futebol e educação

Os clubes profissionais no Brasil têm, hoje em dia, permissão para abrigar em suas dependências jovens a partir de 14 anos — e reivindicam que essa idade diminua para 12 anos. Desta forma, precisam se preocupar com a educação destes garotos. A vida destes aspirantes a jogador de futebol é intensa, com um calendário cheio treinos, jogos e viagens e, por isso, não têm

contato tão próximo com as famílias e suas vidas escolares ficam em segundo plano. Este cenário cria uma lacuna no que se refere à formação, pois não criam um vínculo com a instituição educadora, onde a continuação dos estudos é mais por uma obrigação legal do que por convicção, onde “os professores se tornam se tornam parceiros e colaboradores na concessão de benefícios que objetivam a compatibilização entre as rotinas esportivas desses alunos com a escola” (Sales, 2019, § 69).

Em um estudo de Marques e Samulski (2009) com 186 jogadores de 18 anos, mais da metade da amostra parou de estudar em algum momento para se dedicar ao futebol. Outro estudo publicado por Melo (2010) aponta que jovens jogadores provenientes de outras cidades e estados que vivem em regime de estadia em clubes do Rio de Janeiro são os que detêm maior número de reprovações e de atraso escolar quando comparados aos futebolistas em formação que vivem com a família. Porém, não é só a educação formal que é deixada de lado. Em uma visita recente que fiz nos centros de treinamentos dos clubes do Rio de Janeiro, vi que não existe um interesse por parte dos dirigentes em desenvolver uma metodologia que abrange todas as especificidades que esta carreira exige, como o fato de viverem longe dos pais desde cedo e perderem uma importante referência para a vida. Tudo é pensado somente para melhorar a performance física dentro de campo e vender um sonho para aqueles meninos, estimulando-os a treinarem cada vez mais forte.

Isto acarreta um atraso muito grande no desenvolvimento desses jovens, que ficam sem uma educação intelectual, social e emocional. Se fala em demasia sobre posse de bola e tendências táticas, deixando de fora o mais importante que são os valores humanos. Como diz o técnico da seleção uruguaia, Oscar Tabarez, “quando a equipe tem isso, dá significado. Quando tem amor ao esporte, ao país, são elementos intangíveis. Contra isso, o adversário não pode fazer nada” (2019, § 5).

Do contrário, todo o foco fica nos treinos que, para piorar, têm uma visão puramente tecnicista, concentrados em repetições, dando prioridade à esquematização, ao gráfico e à conta certa. A evolução do conhecimento faz-se pelo automatizar do gesto aumentando o número de jogadas decoradas, sempre transmitidas pelo treinador, tornando o atleta apenas um reprodutor, tirando sua unidade, sua criatividade e essência.

Além de ficarem afastados da escola e de suas famílias, o ambiente do clube não ajuda em nada o desenvolvimento desses garotos. Sales (2019) expôs toda a situação penosa que existe no processo ligado ao desenvolvimento dos jovens jogadores, sem nenhuma metodologia,

contrastando todo o bem que o desporto pode oferecer. Para dar um exemplo simples do descaso dos clubes com a educação dos jovens, vemos um caso que aconteceu num passado recente com um jogador de primeira linha, relatado nesta pesquisa. Ao ser contratado por uma equipe do futebol inglês, o jogador não sabia falar a língua local e teve dificuldades de adaptação. Mesmo com os dirigentes querendo vender esses jogadores para o exterior o mais cedo possível, não existe uma política de promoção do ensino de línguas que poderia ajudar os jovens a se integrar em um novo país, sendo muito útil tanto para seu desenvolvimento pessoal quanto profissional.

Este ambiente de estresse, criado pela competição exagerada nesta fase da vida, causa agravos ao desenvolvimento dos jovens que os impactarão para toda a vida. Hoje podem estar em algum clube, mas amanhã podem ser dispensados e não ter para onde ir; sem estudos, sem família e sem teto. O futebol, que seria lúdico, se transforma numa missão quase impossível de ser realizada, dado que existem nas bases de equipas do Brasil, “40.320 jogadores para disputar as 2.700 vagas de qualidade no futebol profissional na próxima década com jogadores que já estão nestes postos e vão demorar anos para se aposentar” (Sales, 2019, § 52). E ainda, sem uma educação integral esses jovens não enxergam uma alternativa. Portanto, se a formação educativa dos ídolos é indispensável, imagine o quanto não é para os outros que ainda irão se aposentar sem nenhuma qualificação e com conta bancária zerada.

Como pode haver espaço para uma real aprendizagem, enfocando a educação desta forma? Tough (2012) relata em seu livro que isso pode ter impacto no resto da vida desses jovens, visto que “cientistas chegaram ao consenso de que o principal canal pelo qual a adversidade precoce provoca danos aos corpos e cérebros em desenvolvimento é o estresse” (p. 40). Nesta fase, os jovens têm que aproveitar mais do que serem cobrados. No jogo, assim como na vida, já existe um componente de pressão natural que o confere uma seriedade. É contraproducente que o treinador ou qualquer outro ator coloque ainda mais exigências nos jogadores, como é feito hoje em dia, pois a pressão excessiva faz com que a atividade perca seu caráter formativo e divertido, tirando do jovem a ilusão do jogo e a vontade de praticá-lo. Torna-se por isso essencial que nos clubes “eduquemos a competir e a valorizar o significado da competição, sempre com o valor do humano bem lá no alto” (Marinho, 2014, p. 22).

A frequência com que se produzem notícias sobre jogadores com problemas sociais graves, comportamentos sociais agressivos, doenças mentais ou grandes desfalques financeiros, não são coincidência. A origem de ditas situações, advém na sua maioria das vezes, de diretrizes e gestões

de clubes e suas equipes de futebol, focadas em responder peremptoriamente a metas financeiras. É por isso essencial que as linhas pedagógicas da educação do desporto possam ser levadas com outro enfoque, primando pelo verdadeiro sentido de educar. Compreende-se, no entanto, que esta lógica não seja tão apelativa a ditos objetivos financeiros, pois a ‘exploração’ da rentabilidade dos jovens só é possível num “situação concreta de dominação (...) e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, (que) não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor” (Freire, 2014, p. 73). Eduardo Galeano, escritor uruguaio, autor de obras internacionalmente conhecidas, como *Veias Abertas da América Latina* ou *Futebol Sol e Sombra*, em uma entrevista ao jornal Estado de S. Paulo, em 2014, afirmou que:

Os dirigentes vivem como em um castelo muito bem guardado. E os protagonistas do futebol, os jogadores, trabalham como macacos de circo, ou seja, não são os receptores dos benefícios dos espetáculos que nos brindam – acredito que sejam fortunas, pois as contas são secretas. E os atletas atuam pelo prazer de jogar, o que é importante. Eu rogo a Deus para que os jogadores não percam esse prazer, pois, nos últimos anos, eles vêm sendo condicionados a apenas ganhar, o que resulta em mais dinheiro. Não aprovo essa identificação da bola como fonte de lucro. Nos últimos anos, o futebol tem perdido aquele brilho de encantamento que deveria marcar cada partida (p. 78).

Porém, a responsabilidade não é só dos dirigentes. É possível ver como este cenário conta com o apoio de familiares, que enxergam no filho uma possibilidade de ascensão social, colocando uma pressão enorme para que tenha êxito. É esperado deste jovem, sustentar financeiramente toda uma família que não teve oportunidades de estudar e ter um emprego qualificado. Nos estudos de Sales (2019), vemos o exemplo de um menino do norte do país que passou por diversas avaliações em clubes do Rio de Janeiro e São Paulo desde os 7 anos até ser aprovado em uma grande equipa da cidade fluminense. Então, o pai se muda para nova cidade com o filho e todos os esforços da família se concentram em tornar aquele menino, profissional.

Para mudar este cenário que assola o futuro destes jovens, todos os atores (pais, empresários, dirigentes e técnicos) precisam estar comprometidos com a educação dos jovens em primeiro lugar, pois como diz João Couto (2019), técnico de base, ainda não são profissionais, apenas candidatos. Por isto, precisam ter outros planos de vida, visto que alguns desistem

completamente da escola e da cultura, sabendo que ambas são importantes para a compreensão total do jogo.

Ao invés de cobrar excessivamente, é preciso alinhar o nível de expectativas à realidade de cada jovem e ajudá-los a evoluir, dentro do nível de expectativas mais ajustado. Como Couto (2019) faz com seu próprio filho ao relatar que sabia que o filho não era o melhor jogador do mundo e tentava enquadrá-lo na realidade, dando apenas apoio emocional quando requisitado.

São atitudes como esta que promovem a mudança necessária. A prática desportiva é um espaço onde se criam verdadeiros laços afetivos entre pessoas que possam partilhar valores e onde o mais importante não seja apenas ganhar. Podemos dizer, portanto, que os clubes, empresários e famílias estão a condicionar o desenvolvimento desses jovens. Embora os interesses desses diferentes agentes sejam divergentes, tem de haver um trabalho comum, para que seja possível uma mudança de paradigma.

Existem várias formas de promover a mudança neste domínio. Para Bielsa (2015), o importante é saber o que está por trás do trabalho desenvolvido, a profundidade do projeto, os argumentos que o apoiam e o desenvolvimento da ideia. O ponto de convergência está em colocar a educação integral em primeiro lugar na formação dos atletas. No citado estudo da Universidade do Futebol, descobrimos o exemplo de um jogador alemão de 17 anos que não disputou uma partida oficial da Champions League, a competição mais importante da Europa, pois tinha uma prova na escola marcada para o mesmo dia do jogo em questão:

... mais do que o impacto prático da ação em si, que pode até ser questionado, a mensagem passada é de que não há nada mais importante do que a educação para um jovem, é o esporte de rendimento cumprindo sua função de transmitir valores positivos para a sociedade (Sales, 2019, § 110).

Um clube precisa ter consciência, desde o dirigente até o treinador: nas categorias de base, o objetivo é formar, estar preocupado com o indivíduo, em como acrescentar na sua formação integral já que uns vão ser jogadores de futebol, e outros vão seguir outro caminho. É necessário entender que as diferentes idades requerem diferentes técnicas de treinos e de dinâmica e levar em conta a cultura popular ao ensinar, respeitando assim os jovens e suas histórias. A metodologia para crianças tem de diferir da metodologia dos adultos, imitando as brincadeiras de rua, onde não

existe nem “classificação nem campeões, por exemplo, até aos sub-11, conhecidos como Benjamins. Para haver competição, não tem de haver pontos... Nestas idades o mais importante é a inclusão e não o campeonato” (Couceiro, 2019, p. 28).

Até aos 13 ou 14 anos, além do futebol, é importante que os jovens pratiquem outra modalidade coletiva, seja basquetebol, handebol, voleibol ou hóquei. Torna-se essencial esta abertura, para que os jovens possam tomar contacto com outras realidades, outras escolhas e desde o seu conhecimento e competências adquiridas em campo, decidir onde investir para o seu futuro. É importante que não se pule etapas, e quando estiverem mais certos do que querem, haverá tempo para especialização.

Vejam os exemplos dos cursos na Bélgica, onde realizei meu estágio: o futebol até 7 anos é jogado 2 contra 2 para que todos possam tocar na bola e fazer golos, criando então um equilíbrio onde todos passam a gostar do jogo. Dado que “em uma época em que se trata o futebol exageradamente como uma ciência, é preciso demonstrar que é e seguirá sendo algo simples” (Cruyff, 2012, p. 8). É só a partir dos 14 anos que os jovens começam a jogar como adultos com 11 jogadores de cada lado. É nesta idade, que “já começa a afinar-se o valor do jogador, já passaram a puberdade, já são adolescentes. Aí tem de perceber se vai ser jogador ou não, e se não for tem de saber o que vai fazer” (Couto, 2019, § 36).

Mesmo nessas idades mais avançadas, os treinos também têm um papel fundamental na continuação da formação dos jovens, potencializando o desenvolvimento de capacidades e competências que lhes permitam enfrentar os desafios futuros, tanto dentro quanto fora de campo. Como Cruyff (2012) diz “melhor que obrigar aos jovens a seguir boas práticas, precisa-se fomentar seu sentido de responsabilidade. Não se pode praticar o esporte a sério sem autodisciplina” (p. 19).

Um sistema de treinamentos educativo privilegia o desenvolvimento de jovens capazes de se adaptarem a diferentes situações de jogo, capazes de tomar decisões em situações críticas, que certamente acontecerão. O foco é aprender a interpretar os sinais, percebendo, assim, as suas intencionalidades, “em vez de decorar soluções montam-se estratégias, utilizando os princípios que permitem a compreensão da funcionalidade do fenômeno em causa” (Lopes et al. citado por Vieira, Fernando, Apolinário, & Lopes, 2014, p. 45).

Para isto, há de se ter modelos diversos de jogo nas escolas de formação, que realcem situações de criatividade sem ser paradigmático. Depois de um treino, o importante não é celebrar os melhores ou ganhadores, é sim enfatizar o esforço, a coesão do grupo, como se deu a relação

entre todos no campo, como autênticos critérios de sucesso, respeitando as diferentes habilidades. Melhorar a cada dia através de seu próprio esforço é a verdadeira vitória do legítimo desportista. Desta forma, o jovem aprenderá sem exageros a valorizar os triunfos e a aprender com as derrotas.

No aprendizado do jogo, revela-se importante investir na conversa sobre as experiências, desafiar os jovens a solucionar problemas colocando-os em situações complicadas, fazendo-os compreender o jogo mentalmente e conseqüentemente refletir sobre suas ações. Estas são ferramentas que contribuem para a formação intelectual do jogador, e levam em conta que é mais do que um futuro craque, é um ser humano. Como bem resumiu Couto (2019), o trabalho é de fornecer apenas ferramentas aos jogadores e não tomar a decisão por eles, uma intervenção de tutoria.

Ao criar este ambiente harmônico, de troca, sem pressão ou hierarquia, todos criam a “sensação de estar ‘separadamente juntos’, numa situação excepcional, de partilhar algo importante, afastando-se do resto do mundo e recusando as normas habituais, que conserva sua magia para além da duração de cada jogo” (Huizinga, 2008, p. 15). Um dos pontos primordiais para isto acontecer, é ter bons professores, formadores, psicólogos, educadores entres outros funcionários se ocupando desses jovens. Essa é uma grande diferença que vejo entre o que acontece em solo brasileiro e na Europa, como nos mostra o depoimento de Sérgio Vieira, treinador português que trabalhou no Brasil em 2017:

Hoje em dia, há centenas de livros em Portugal, literatura sobre futebol, sobre conceitos de jogo e treinos (...) futebol é uma ciência como qualquer outra, como engenharia, medicina e mecânica, e também temos que dominar todas suas áreas complexas (...) eu sei que aqui (Brasil) o estudo do futebol não é tão profundo. Isso se vê no número de livros que se faz sobre conceitos de jogo. É muito, muito mais reduzido do que existe em Portugal. Naturalmente, isso é um grande indicativo (2016, § 3).

Para o Brasil seria importante espelhar-se nesses exemplos. É preciso investir cada vez mais na formação de pessoas capacitadas a desempenhar o trabalho formador. Um treinador formador exemplar não é aquele que vence mais, visto que isso pode acontecer só porque tem os melhores jogadores. Um treinador de formação é o que extrai o máximo da potência de seus jogadores e não está avaliando ou sendo avaliado só pelos títulos. Para Arede, Cabral, Nunes,

Santos, & Pereira (2014), é preciso um conhecimento multidisciplinar por parte do técnico, aumentando assim seu impacto positivo sobre seus atletas. Em outras palavras, para serem excelentes, os treinadores precisam conhecer o desporto em que atuam, mas também outros domínios como educação, psicologia etc. No seu entender, o primor dos treinadores está no aproveitamento do conhecimento profissional e interpessoal para melhorar a competência técnica dos atletas e a sua confiança, a ligação emocional com o desporto e o desenvolvimento do carácter ao longo dos anos de formação.

O processo pedagógico centrado no jogador, considerando o professor como um potencializador do seu processo de amadurecimento, é o modelo apropriado para a educação dos jovens. Assim, valorizando o aspecto social do desporto, ao invés de tratá-lo como um braço do capitalismo, sabendo que “um campeonato nacional vale muito menos do que uma formação como deve ser” (Couto, 2019, § 54). O interessante para um técnico “é descobrir pontos fortes e fracos dos jogadores e intervir sobre isso para os projetar. Muita preocupação sobre o modelo de jogo não é bom” (Couto, 2019, § 20).

Os clubes, além de se ocuparem com a educação formal destes jovens, precisam utilizar o futebol como uma ferramenta potencializadora de formação. Para isto, precisam investir bastante no treinamento de sua equipe técnica, pois esta precisa entender o papel educativo que está prestando e proporcionar um ambiente minimamente satisfatório para o desenvolvimento destes jovens. Estes precisam ser entendidos como seres humanos antes de se tornarem atletas. Afinal, são pessoas que têm uma carreira curta e, caso consigam ou não atingir o nível profissional, precisam também ser capacitados para a vida fora do campo.

Existe uma maneira para educar dentro de campo, e fora dele, se preocupando com a integralidade do ser humano e suas vulnerabilidades. Neste conceito de integralidade, aperfeiçoar as habilidade técnicas é parte de um todo que se junta a desenvolver habilidades. Reconhecer todas essas dimensões do ser humano é importante, e o desporto pode ajudar nessa formação completa do homem, do seu corpo, da sua alma e de seu espírito através do “comprometimento moral para com o esforço, a disciplina, o sofrimento, o cumprimento das regras, o respeito pela dignidade do outro e a justiça dos atos e das atitudes que nos medem e simbolizam” (Marinho, 2014, p. 21).

2. Educando Integralmente

Atualmente, temos a crença de que o sucesso depende exclusivamente da nossa capacidade cognitiva, que normalmente é avaliada por testes, como de leitura e matemática, e “a melhor maneira para desenvolver essas capacitações é praticá-las tanto quanto possível, começando o mais cedo possível” (Tough, 2012, p. 15). Esse pensamento é parte do processo de mercantilização da vida, que destina todo nosso processo de aprendizagem para a produção e performance que visam enriquecer apenas uma parte da sociedade, que se beneficia de humanos-máquinas. Que educação é essa que forma pessoas nas melhores universidades, mas são completamente alienadas e insensíveis aos problemas sociais, sem o menor cuidado com o mundo à sua volta?

O direito à educação não é exclusivamente o de frequentar escolas, é sim um projeto que vise o pleno desenvolvimento da personalidade. O ser humano é uma “unidade biofisiológica, psicológica, social e espiritual que se encontra em constante interação consigo mesmo, com outros seres humanos e com o meio ambiente” (Casanova, citado por Carvalho & Carvalho, 2006, p. 14) que precisa ser respeitado na sua integralidade, na sua formação. A educação não está respondendo às demandas da sociedade, o que acaba por criar uma tensão entre o que a escola oferece e as necessidades do mundo. A vida moderna carece de uma educação emocional e ao não reconhecer isto, a sociedade confronta-se com a falta de autocuidado, os relacionamentos interpessoais doentios, a ruptura do histórico familiar, o desligamento com a cultura local e a falta de cuidado com o coletivo.

Por isso, os jovens durante sua formação profissional para virarem jogadores de futebol precisam de uma educação integral, que nas palavras de Gadotti (2009), “é uma educação com qualidade sociocultural. A integração da cultura, da saúde, do transporte, da assistência social etc. com a educação possibilita a integralidade da educação” (p. 98). Formando assim cidadãos atuantes no mundo, capazes de buscar soluções para os problemas sociais, econômicos e ambientais, entre outros, que vivemos hoje em dia.

Para isso acontecer, espaços que se contraponham ao modelo vigente e se preocupem com outros aspectos da educação além da capacidade cognitiva são necessários, valorizando todas as experiências humanas, inclusive a brincadeira, a socialização, a disciplina, a atenção, a emoção e o pensar. Espaços em que “o homem é o agente da sua própria educação através da interação permanente da sua reflexão e das suas ações” (Dias, citado por Carvalho & Carvalho, 2006, p. 11). O clube de futebol pode ser um desses espaços, assim como a praça do bairro, centros culturais, entre outros.

O objetivo desta seção é mostrar que a educação integral possibilita “a formação de seres humanos mais éticos, agentes conscientes do processo de construção de um mundo melhor, através do enfoque de formação de valores e afirmação da cultura de paz” (Camargo & Souza, 2017, p. 2). Naturalmente, isso os torna melhores profissionais nas suas áreas de domínio, inclusive no desporto, além de seres humanos preocupados com o mundo.

A educação pode ser uma prática de liberdade, conceito de Freire (2003), que faz com que a alfabetização, por exemplo, não seja apenas saber escrever palavras e sim ser autor da própria história, entendendo criticamente as palavras de seu mundo. Portanto, o futebol não é apenas chutar uma bola e sim, também, se expressar, já que como Freire coloca, a existência humana

não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (2014, p. 44).

O método libertador de Paulo Freire é “um chamado coletivo para criar e recriar, fazer e refazer através da ação e reflexão. Descobrimos novos conhecimentos e novas formas de intervir na realidade, os indivíduos tornam-se sujeitos da história e não meros objetos” (Barreto, 2008, p. 31). Os jovens de hoje, amanhã serão adultos, e suas atitudes influenciarão a dinâmica da cidade por isso, como Gadotti (2009) diz, é preciso educar para a cidadania desde a infância, com todos sabendo de seus direitos e deveres para termos uma população bem informada capaz de contribuir para uma vida democrática.

Quando olhamos para um espaço de aprendizagem, seja formal ou informal, temos que entender que o educador – pode ser um professor, um técnico etc. – é mais do que um repassador de informações, que tem o papel de “criar condições para que o homem possa desenvolver as suas capacidades” (Carvalho & Carvalho, 2006, p. 11). O educador é um facilitador de mudanças de comportamento ao fazer com que os seus discentes aprendam a se conhecer, a fazer, a ser, colocando as disciplinas em segundo plano usadas apenas para dar suporte ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Em outras palavras, é necessário acreditar mais no desejo e vontade

das crianças e criar atividades que contribuam para a formação de identidade, assim ajudando na elaboração de um projeto de vida e contribuindo para que os alunos tenham a capacidade de “aprenderem durante toda a vida, preparando-se para todos os estágios do seu desenvolvimento” (Carvalho & Carvalho, 2006, p. 1).

Atualmente, não é isto que acontece, como vemos no exemplo dos Estados Unidos, onde a maioria das salas de aula para primeira infância “tem como objetivo desenvolver nas crianças um conjunto de capacitações pré-acadêmicas” (Tough, 2012, p. 14). Com isto, estamos antecipando cada vez mais a competição para entrada no mundo acadêmico, que antes era só na faculdade, para etapas precoces onde pais brigam por vagas em jardins de infância. Ao focar desde cedo em “conteúdismo, currículo estagnado e desconectado da realidade dos estudantes, o sistema de aula baseado na exposição do professor ou no livro didático” (Camargo & Souza, 2017, p. 2), as instituições afastam os alunos da vontade de aprender.

Além disso, não é numa sala de aula que atingirão o máximo de sua potencialidade; precisam estar ao ar livre que é onde os movimentos são livres, que permitem que o ser humano se mantenha íntegro, no sentido de pertencimento a este universo. Nós precisamos pensar processos de formação em que haja espaço para o corpo, desejo, da relação próxima dos elementos do mundo natural e, também, com menos regras.

É dessa forma, ‘brincando’ que a criança começa o seu processo de aprendizagem, que facilitará a construção da autonomia, reflexão e criatividade. Abrangendo, assim, os âmbitos sociais, afetivos, culturais, cognitivos, emocionais e físicos, ou seja, um desenvolvimento integral, e é por isto que o futebol é recreativo nas idades de formação. Mas esse ‘brincar’ vai além da recreação, é uma dinâmica complexa, na qual a criança comunica-se consigo mesma, com o mundo ao seu redor e, assim, o desenvolvimento acontece naturalmente, sendo uma

extensão do direito de aprender. Porque a criança aprende brincando. Ela brinca para construir sua identidade e construir os seus conhecimentos. O primeiro direito da criança é o direito a uma identidade própria. A brincadeira expressa a identidade dela. Por isso, brincar é coisa séria para ela (Gadotti, 2009, p. 44).

Para Vygotsky (1998), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, a brincadeira infantil pode ser uma ótima análise do processo de constituição do ser,

rompendo com a visão tradicional de que é atividade natural de satisfação de instintos infantis. Ele apresenta o brincar como uma atividade em que tanto os significados social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos possam emergir. A brincadeira e o jogo de faz-de-conta seriam considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.

Um dos principais desafios de quando falamos de educação integral é respeitar esses diferentes momentos da vida de uma criança. Cada idade é uma etapa, e no futebol não é diferente. Por isso os técnicos precisam entendê-las para criar dinâmicas apropriadas para seus jogadores. Por exemplo, entre os 2 e os 7 anos de idade, as brincadeiras são balizadas pela simbologia, portanto o jogo pode ser interpretado de formas diferentes, não precisando ter as mesmas regras dos mais velhos. Depois, a partir dos 7 anos de idade, é quando a criança começa a entender o valor sobre seguir regras, “daí a importância de brincadeiras e jogos nos quais a criança desenvolva estratégias para tomar decisões (e) descobrindo que não são os únicos sujeitos envolvidos nas ações, desenvolvendo a empatia e a capacidade de entender os objetivos de outras pessoas” (Anônimo, 2016, § 8).

Conforme a idade for aumentando, os jovens precisam ir se identificando com o contexto geral onde vivem, sua rua, seu bairro, sua cidade etc. Para Camargo & Souza (2017), é preciso sempre proteger uma educação diversificada ao inserir atividades que utilizem espaços do bairro, se apropriando da sua cidade, construindo valores que colaborem na sua contínua evolução. A introdução destas práticas não tradicionais na educação vem com o avanço no campo das políticas sociais, adotando princípios como a integralidade, a equidade, a descentralização e a participação social. Os fins destas políticas são atender, principalmente, à necessidade de se conhecer.

O autoconhecimento é o ponto de partida de qualquer transformação, e significa entender nossas fortalezas e deficiências, valorizar nossas emoções e valores e como esses são postos em jogo. Esse conhecimento de si, da nossa história, dos nossos valores é primordial para aceitação e valorização do outro, que levará a uma vivência melhor em comunidade. Para Camargo & Souza (2017), ao não se conhecerem, os homens criam distorções de sua realidade que “induzem a traços negativos da personalidade como a busca pelo poder, a prepotência, a ganância, inveja, avareza, indiferença e outros” (p. 6).

Outro ponto a levar em consideração na formação é a cultura, que “é um elemento de referência fundamental na construção de nossa identidade pessoal e grupal, interferindo de forma

direta, na definição do quem sou eu, quem somos nós” (Barreto, 2008, p. 29). Portanto, uma educação integral estimula a busca pelo ‘quem sou eu’ ao resgatar a história do indivíduo e entender a cultura como o alicerce da nossa identidade, assumindo a própria identidade cultural, que representará avanços na inclusão social e no sentimento de pertencimento.

Para Banks (2004), é importante que o sujeito atinja o estágio 3, Clarificação da Identidade Cultural, em seu gráfico de Estágios da Tipologia da Identidade Cultural, antes que abrace outros grupos culturais e adquira identificação nacional. Este estágio consiste em os indivíduos serem capazes de esclarecer suas próprias atitudes e desenvolver atitudes positivas perante seu grupo. Esse processo de criação de identidade é extremamente importante na atualidade. Cada vez mais cedo, através da internet, os jovens se deparam com muitas realidades completamente diferentes, sofrendo um processo de aculturação, onde, pouco a pouco, sem nem perceber, vão adotando ideias, normas e comportamentos que observam nos seus pares estrangeiros e assimilando para si. Dessa forma, fica ainda mais difícil se tornarem atores de sua própria vida.

Então, meninos que antes tinham em sua cultura a brincadeira de rua, o ‘futebol-arte’, perdem a essência do seu jogo, para dar lugar a um sistema que não os pertence. Vemos isto através da europeização do futebol: as últimas quatro Copas do Mundo foram ganhas por países europeus, em um modelo de um desporto cujas regras e estilos favorecem a esses países. Aceitam esta perda com uma facilidade enorme por ser demonstrada como uma evolução de vida, uma ocidentalização, perdendo hábitos históricos de seus ancestrais. A troca entre culturas é benéfica para todos, mas estar conectado em um mundo globalizado “não significa largar sua identidade local, que pode ser fonte de uma riqueza em sua vida” (Banks, 2004, p. 295).

É verdade que “cada vez mais habitamos vários mundos: no trabalhar, na amizade, no residir etc. Somos, efetivamente, cada vez mais, multiculturais, interculturais às vezes mestiços, compósitos, translocais e menos monolíticos” (Vieira, 2009, p. 12), mas não podemos esquecer também a nossa essência. Ao realizar viagens pelo mundo durante seis anos, visitando diferentes clubes de futebol e tendo experiências em diversas escolas, o que vi é uma padronização do ser humano. Observei não existir respeito algum à cultura local dos países chamados ‘subdesenvolvidos’, e o maior interesse é depositar informações, fazerem os meninos lerem e escreverem e pensarem como uma pessoa do ocidente, nitidamente um caso de aculturação imposta (Sam & Berry, 2006).

Isso prejudica o desenvolvimento de qualquer ser humano, se pensarmos que a abertura de uma pessoa para o mundo revela-se através da curiosidade, da exploração e, dessa forma, matamos esta paixão pelo conhecimento desde muito cedo. Banks argumenta que “um dos desafios da diversidade democrática das nações-estados é promover oportunidades para diferentes grupos étnicos manter aspectos de sua comunidade cultural enquanto cria uma nação em qual esses grupos culturais estão estruturalmente inclusos” (Banks, 2004, p. 291). Nesse sentido, é importante que os clubes possam colocar em prática em seus programas de educação, ideias para que estudantes de diferentes culturas possam valorizar sua ancestralidade e, ainda assim, mantenham uma relação satisfatória e um plano de igualdade, dado que a grande parte deles vêm de longe para jogarem ali.

Outro ponto significativo a levar em conta na formação desses jovens é a realização de atividades em conjunto com e para os familiares. A família necessita ser vista como parte de um sistema complexo em que cada membro influi e é influenciado pelo outro. Disponibilidade afetiva e esclarecimentos sinceros em todos os assuntos que referem à educação são fundamentais para que os filhos descubram seus próprios caminhos e venham a fazer boas escolhas e opções, sempre que for possível já que “quando os pais, mães, ou seus responsáveis, acompanham a vida escolar de seus filhos, aumentam as chances da criança aprender” (Gadotti, 2009, p. 53). Portanto, acompanhá-los, no sentido de estar presentes e atentos a mudanças, é muito importante, e os clubes poderiam incentivar esta interação. Pois, como Tough (2012) mostra em seu livro, este carinho afetivo de cuidadores pode anular efeitos negativos da infância. Para se ter ideia da importância da família, Tough escreve em seu livro que “a maneira mais eficaz de melhorar os resultados das crianças não é a escola, a igreja ou sequer as centrais de empregos, mas a família – ou, se necessário, a criação de estruturas familiares substitutas ou suplementares para as crianças que não dispõem de uma” (2012, p. 73). Portanto, se alguns vivem longe de suas casas, ou se não têm uma família que promove este bem-estar, os clubes precisam criar isso dentro de suas dependências.

A educação não se baseia apenas na leitura e escrita, ou nas outras matérias existentes. Reconhecer a dimensão ampla da educação ajudará os jovens a serem cidadãos reflexivos para enfrentarem os desafios que a vida apresentará. Os alunos precisam aprender a pensar, ter tempo para observar o mundo ao seu redor, entender suas emoções e estar em contato com seus próprios corpos e desejos. Entendo a importância do aprendizado cognitivo através da repetição para certas capacitações, porém, “quando se trata de desenvolver os elementos mais sutis da personalidade humana as coisas não são tão simples” (Tough, 2012, p. 17). Para chegarmos a tal lugar, é preciso

romper com a “lógica incorrigível do sistema (e) perseguir de modo planejado e consistente uma estratégia de rompimento do controle exercido pelo capital” (Mészáros, p. 35). Os clubes que hoje abrigam crianças e jovens — ou os têm por grande período do seu dia — têm o dever de pensar em todo este contexto ao montar um projeto desportivo, dando apoio social, psicológico, pedagógico para o desenvolvimento integral dos jovens e suas famílias. O jogador é antes de tudo um ser humano, e só se desenvolvendo integralmente pode se tornar um atleta de alto nível.

As intervenções mencionadas já fazem parte da realidade em algumas escolas e organizações não governamentais que desenvolvem um trabalho de educação em comunidades. Os clubes também podem colocar tais intervenções em prática em seu contexto para aumentar a capacidade do indivíduo de vencer as dificuldades com seu esforço, construindo-se de maneira positiva quando encontra obstáculos, seja dentro de campo ou fora dele. As estratégias de enfrentamento expostas reforçam a experiência e o empoderamento individual para que cada um siga em busca do seu próprio projeto pessoal de vida, valorizando entre outros aspectos, “a questão da formação da cidadania, de uma cultura cidadã, da emancipação, da humanização” (Gohn, 2014, p. 47).

3. Uma alternativa: A Educação Não Formal

Nos anos 1990, a Islândia tinha um alto índice de uso de drogas pelos jovens. “De 1992 a 1998, a proporção de jovens de 15 a 16 anos que fumavam diariamente na Islândia aumentou de 15% para 23% e os que fumaram maconha de 7% para 17% (e) 40% dos entrevistados afirmaram estarem bêbados no último ano” (North, 2015). Com uma das piores estatísticas da Europa, no que se refere a utilização de drogas por adolescentes, o governo, pais e escolas em todo o país estavam preocupados. Então, em 1999, para tentar entender mais sobre a situação, foi criado Centro Islandês de Pesquisa Social, um instituto de pesquisa sem fins lucrativos com sede em Reykjavík, capital do país. Os pesquisadores do centro, em colaboração com formadores de políticas públicas, começaram a investigar quais fatores sociais que influenciam os jovens ao uso das substâncias.

Estes chegaram a conclusões esclarecedoras com a ajuda do professor americano de psicologia Harvey Milkman, que realizou um grande estudo parecido nos Estados Unidos. O entendimento era de que as pessoas estavam se viciando em mudanças na química dos seus cérebros. As pessoas podem se viciar por diferentes meios, seja sexo, bebidas, drogas entre outros e “a ideia de dependência comportamental tornou-se nossa marca registrada” (Young, 2017). A

partir disto, foi criado um programa chamado ‘Adolescência na Islândia’. A intenção era ensinar jovens, com 14 anos ou mais, sobre novas habilidades e dar-lhes experiências positivas que produziriam esse ‘ecstasy’ natural, igual das drogas ou de outros vícios. A ideia era que essas diferentes atividades pudessem fornecer uma variedade de alterações na química cerebral das crianças.

Juntamente com novas habilidades, os jovens receberam um suporte emocional, que os ensinou a administrar seus pensamentos, sentimentos e interações com as pessoas e a lidar melhor com a vida. Com o passar do tempo, o financiamento estatal foi aumentado para promover aulas diárias de desportos, música, arte, dança e outras modalidades, com o intuito de dar aos jovens formas alternativas de fazerem parte de um grupo e se sentirem bem, em vez de usar o álcool ou outras drogas. Por outro lado, o projeto também trabalhou com o envolvimento da comunidade. Os pais receberam a missão de tomar conta dos bairros e, entre várias atividades, tinham a responsabilidade de passar mais tempo com seus filhos e verificar se tinham jovens andando sozinhos à noite. Nessa cultura de trabalho de hoje em dia, a família está cada vez mais deixando a educação do filho de lado devido à enorme carga de horas trabalhadas. Então, existiu um incentivo para que monitorassem quem são os amigos de seus filhos, conhecer os pais desses amigos e acompanhar para onde estão saindo, assim passando mais tempo ao seu lado, dando a atenção que toda criança merece.

Em 2006, após uma nova pesquisa, os dados mostraram tamanho avanço que foi criado um projeto para expandir o programa Islandês para o resto da Europa. Hoje, o país lidera os índices de adolescentes que usam menos droga no continente. “A percentagem de jovens de 15 e 16 anos que tinham bebido no mês anterior despencou de 42 por cento em 1998 para 5 por cento em 2016” (Young, 2017, para.17). Os resultados deste programa mostram que educar é mais complexo que colocar uma criança em uma escola; está inserido em um projeto maior. As crianças não conseguirão se desenvolver emocionalmente, e mesmo intelectualmente, somente através do colégio ou em ambientes que não proporcionem esta aprendizagem completa. Por isto, proponho outras atividades como descritas no projeto acima para apoiar a educação nos clubes de futebol.

Sabemos que o objetivo da educação formal, como é reproduzida hoje na maioria das escolas, continua a compactuar com o modelo capitalista vigente, afinal, educam para o mercado, formando cada vez mais cidadãos a serviço das grandes empresas, que controlam também as políticas públicas. “Poucos negariam hoje que os processos educacionais e os processos sociais

mais abrangentes de reprodução estão intimamente ligados” (Mészáros, 2005, pg. 25). Portanto, a escola é um dos primeiros organismos a propagar um estilo de vida degradante ao manter alunos sempre presos dentro de uma sala de aula educando corpos para a inércia e para o mercado de trabalho, normatizados pelo medo de driblar, do gingar — para trazer gírias do futebol — que expressam a criatividade que existe dentro de nós. Na teoria do capital, é preciso de corpos fechados servindo ao projeto capitalista, os adequando para o consumo e para a morte em vida.

Soma-se a isto que o sistema educacional público brasileiro, onde quase a totalidade dos jovens de classe baixa estuda — e portanto, os aspirantes a jogadores de futebol — é precário com alto índice de abandono. Os que ficam se formam sem saber ler ou escrever adequadamente, se tornando ‘analfabetos funcionais’ sem a capacidade de um pensamento crítico. Os métodos utilizados por essas instituições “não cumprem com as demandas dos educandos contemporâneos, colaborando para as altas taxas de repetência e evasão escolar constatadas na realidade nacional” (Camargo & Souza, 2017, p. 2).

A educação formal, representada principalmente pelas escolas e universidades, se for bem feita, tem seu valor. Os times precisam manter uma escola em suas dependências, ou dar acesso à uma instituição próxima, para que os jovens aprendam matemática, física e outras matérias que os ajudarão a deixar de serem manipulados e enganados por empresários e dirigentes. Porém, a sala de aula poderia ser mais bem aproveitada se tivessem alunos mais críticos, que passam por uma educação também fora dos muros do colégio. Pois “a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (Paracelso, citado por Mészáros, 2005, p. 47).

Em outras palavras, a escola já não é mais suficiente para educar, aliás nunca foi, mas está cada vez mais visível, como nos diz o historiador Luiz Antonio Simas;

os comprometidos com a tarefa da invenção do país nas encruzilhadas da educação não poderão se esconder mais apenas em seus aparatos teóricos, leituras clássicas e ideologias redentoras. A educação está também fora dos muros escolares. Se a escola não reconhecer isso, pior para ela e para quem ela educa (2018, § 5).

É preciso mudar o que entendemos como educação, atualmente reconhecida majoritariamente somente através da instituição com “uma diretriz educacional centralizada como

o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação” (Gadotti, 2005, p. 45). Uma boa definição de educação é feita por Gohn (2014), que a explica como sendo um:

...conjunto, uma somatória que inclui a articulação entre educação formal – aquela recebida na escola via matérias e disciplinas, normatizada, – a educação informal – que é aquela que os indivíduos assimilam pelo local onde nascem, pela família, religião que professam, por meio do pertencimento, região, território, classe social da família – e a não formal tem um campo próprio, embora possa se articular com as duas. A não formal são os saberes e aprendizados gerados ao longo da vida, principalmente em experiências via a participação social, cultural e política em determinados processos de aprendizagens, tais como em projetos sociais, movimentos sociais etc. (p. 47).

As pessoas precisam ser críticas para poderem fazer suas escolhas conscientemente e pensarem em prol dos outros e da natureza. A vida de um jovem não pode parar aos 10 anos de idade e ser retomada depois da aposentadoria para que o que apenas em um único componente, no caso, o futebol. É importante desemparedar as crianças das escolas, permitindo que elas se relacionem com o mundo natural para que possam ir ao encontro de sua própria natureza.

Todos necessitam interagir em diversos ambientes, como a praça, numa roda de música, na igreja, em um campo de futebol ou qualquer outro ambiente plural formado por pessoas diversas que possam compartilhar seus saberes e perspectivas individuais sem serem reprimidos. Apesar de entender que os clubes têm como objetivo formar jogadores e, para isto, o futebol é o foco da aprendizagem com a grande parte das horas dedicados à sua prática, uma integração com a comunidade local visando desenvolver outras dinâmicas em torno de seus centros de treinamento, ajudará o desenvolvimento integral dos jovens e, em consequência, estes se tornarão também melhores jogadores.

Este tipo de aprendizagem, que acontece fora da escola, em torno de uma comunidade, como Gadotti (2005) define, é “mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Esses programas não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de progressão” (p. 2) ensinando diversas habilidades. São um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve uma multiplicidade de temas. Por isso, seria

importante que clubes explorassem mais essa metodologia afim de melhorar questões comportamentais, que são muito importantes para o jogo. Ressalto que, diferentemente do QI, que “mostra-se obstinadamente avesso a qualquer aperfeiçoamento depois dos oitos anos de idade, aproximadamente, (...) as funções executivas e a capacidade de lidar com estresse e emoções fortes podem ser aprimoradas, às vezes de maneira dramática, já bem entrada a adolescência e até na idade adulta” (Tough, 2012, p. 78).

Em seu livro, Tough (2012) também menciona um estudo que avaliou a entrada de alunos de uma escola secundária dos EUA no sistema superior de educação. A amostragem mostrou que os que chegavam a entrar em universidades não eram os que tinham as melhores notas, mas sim os que possuíam características como otimismo, resiliência e agilidade social, ou seja, alunos que mostravam que tinham determinação para superar frustrações e continuar tentando. Essas características são obtidas através da convivência social em diferentes contextos, como sugere a educação não formal. Ao explorar os saberes locais, os clubes formariam jovens com outro espírito para jogar futebol, se conectando com sua história e como a corporeidade, que é a maneira pela qual nosso cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento de relação com o mundo, como brincamos, pulsamos, dominamos uma bola ou dançamos. No Brasil, essa corporeidade passa por campos de saberes como rodas de samba, bailes, rodas de capoeira, giras de santo, desfiles das escolas de samba etc., que nos definem e norteiam nosso estilo de vida e, conseqüentemente, nossa maneira de praticar qualquer atividade física, entre as quais, o futebol.

No Museu de Futebol, em São Paulo, existe uma frase do ex-jogador dos anos 50, Didi, considerado um dos melhores meio-campistas da história, que diz que vários de seus dribles vieram de passos do samba. Porém, quando os jovens entram no ambiente do desporto atualmente acabam perdendo sua essência. Se continuarmos desta forma, o país não mais formará craques, além de perder sua identidade. Como defende Gohn, educação está também fora dos muros escolares e, principalmente, fora do racionalismo do mundo ocidental. Assumir uma perspectiva ampla de educação conduz-nos a reconhecer a importância de outras vozes e sabedorias, para trazer o cruzamento do notebook e bola, tambor e livro, para que os corpos decifrem e dancem no seu ritmo e achem seu próprio lugar de ser no mundo. Proporcionando assim “um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes e certas habilidades que não se limitam ao adestramento de procedimentos contidos em normas instrucionais, como em algumas abordagens simplificadoras na atualidade” (Gohn, 2014, p. 39).

Os educandos poderiam ter acesso a uma educação integral, através de projetos que possibilitem suas interações sociais e repensem as finalidades e metodologias, retomando a religação da vida e da educação. Atualmente, os jovens jogadores vivem dentro dos centros de treinamento, o que pode tornar-se um espaço demasiado fechado e limitado para a possibilidade de vivenciarem experiências múltiplas e diversificadas. Uma das ideias é realizar atividades no exterior, com as comunidades pois “a cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só, espontaneamente, informalmente” (Gadotti, 2005, p. 7). Ou como dizia Paulo Freire,

há um modo espontâneo, quase como se as cidades gesticulassem ou andassem ou se movessem ou dissessem de si, falando quase como se as cidades proclamassem feitos e fatos vividos nelas por mulheres e homens que por elas passaram, mas ficaram, um modo espontâneo, dizia eu, de as cidades educarem (Freire, 1993, p. 23).

Esses processos de aprendizagem coletivos podem “romper com o controle político das elites locais e com as formas burocráticas, corruptas e clientelistas de governar e estabelecer uma nova esfera pública de decisão não-estatal” (Gadotti, 2005, p. 7). Isto resultaria na criação de novas formas de relação e de atuação no território que permitem a criação também de novas perspectivas de mundo e de futuro e despertam a capacidade de criação inerente a todo ser humano, muitas vezes suprimida pela ‘educação bancária’ referida por Freire (2014), onde existe uma resposta pronta para os problemas e os alunos são vistos como ‘depósitos’ pelos professores.

Então, clubes de futebol, com capacidade de tempo e dinheiro, podem desacelerar e repensar a forma que educam, criando um diálogo entre saberes locais e suas dependências, aproximando-se da comunidade e fomentando “programas de desenvolvimento da saúde, cultura, desporto, direitos humanos, educação ambiental, entre outras áreas que colaborem do desenvolvimento do ser de forma integral” (Camargo& Souza, 2017, p. 5), junto com o contexto em que estão inseridos. O que proponho como mudança “não pode ser senão o rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema” (Mészáros, 2005, pg. 35) para cessar com esta busca incessante pelo dinheiro que prejudica o bem-estar de todos.

Territórios com diversos saberes acumulados, sonhos desejados e potências disponíveis criam possibilidades diversas e promissoras. Jovens se tornam mais felizes ao diversificar suas

atividades, acrescentar mais música, mais poesia e se opor ao lema ‘vencer na vida’. Tal lema está focado na expectativa do desempenho, mesma expectativa balizadora da nossa educação para o capital, presente também no desporto, onde ganhar – ou ter sucesso – é o único fator que parece importar.

A ideia é ter um ambiente mais horizontal em que adultos e crianças troquem saberes respeitosamente. Onde qualquer simples atividade seja respeitada e mostre a dignidade que a sabedoria e o poder de criar dão ao homem. Um ambiente com programas voltados para os caminhos emocionais, psicológicos e neurológicos, onde as individualidades sejam respeitadas e a cultura seja valorizada. Onde o jogar, o cantar e o dançar são vistos como parte da identidade — especialmente se considerarmos que a música tem uma grande influência na maneira do brasileiro jogar bola —, vislumbrando um tempo harmonioso e generoso para todos os meninos.

No projeto da Islândia, vimos também a importância de ter a família por perto. Na maioria dos casos, os pais precisam trabalhar e não têm tempo para se ocupar dos filhos. Isto causa graves transtornos no crescimento do jovem já que os cuidados parentais criam uma importante base a partir da qual a criança pode começar a explorar o mundo, tendo uma grande influência positiva para seu futuro. Estudos feitos por Clancy Blair, da Universidade de Nova York, comprovam que “cuidados maternos de alta qualidade podem funcionar como um poderoso amortecedor frente aos danos causados pela adversidade” (Tough, 2012, p. 61). Então, se os jovens não têm o apoio dos pais em casa prejudica ainda mais o seu desenvolvimento. Portanto, destaco a importância de fazer um projeto incorporando esses atores.

No primeiro semestre do meu Mestrado, na unidade curricular Educação Não Formal, tive a oportunidade de aprender mais sobre o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), localizado em Curvelo, região pobre do estado de Minas Gerais, Brasil. O fundador, Sebastião Rocha, um antropólogo, é mais radical e imagina uma sociedade onde não se tem escolas. Aprofundei os estudos neste centro para entender como posso inserir certas dinâmicas dentro do dia a dia de um clube, transformando-o também em um espaço de aprendizagem não formal. A partir dessas dinâmicas, busca-se exaustivamente manter a aproximação com a visão que é se tornar uma referência regional e nacional na construção de centros de treinamentos desportivos-educativos, que além de formar grandes desportistas, consolida princípios éticos, de transparência, justiça e equidade social, valorizando a diversidade cultural brasileira.

A ideia central do CPCD é fazer as pessoas se sentirem parte integrante do território, que consequentemente traz consigo toda uma história e cultura com qual se identificam. Rocha (2019) defende que se eduque através desta cultura, pois “é um forte elemento de formação de cidadania e de nacionalidade. É, ao mesmo tempo, o que nos confirma a condição de seres humanos universais e nos reafirma e nos diferencia como seres brasileiros, italianos, alemães, mexicanos” (p.12). Se nos afastarmos disso, cria-se um problema de falta de identidade. Segundo Queiroga & Mendes (2016), o projeto trabalha através do conceito de empoderamento que “se relaciona com a ideia de tomada de consciência, por parte de um indivíduo, comunidade ou organização, que permite criar alternativas e ações práticas com propósitos de mudanças acerca das condições estabelecidas na sociedade” (p. 7).

A seguir, descrevo algumas pedagogias utilizadas como base no projeto em questão que poderiam ser adaptadas ao mundo do futebol. A primeira é a pedagogia da roda, que privilegia o diálogo e a não-exclusão, onde “educados e educando (lideranças e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento” (Freire, 2014, p. 77). As pessoas são o centro do processo de aprendizagem. Cada indivíduo é sujeito de si mesmo sendo respeitadas suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais, em um espaço horizontal e igualitário. É aprender a olhar o mundo pelo olhar dos outros, visto que cada perspectiva também é única, e assim também melhorar o nosso próprio olhar. De acordo com Rocha (2006), numa roda não há centro, não há hierarquia, todos têm voz e vez para se expressar. Nesse exercício, crianças, jovens, mães, educadores, gestores, todos praticam o saber escutar a si e ao outro e expressar suas opiniões.

Quando todo mundo se vê igual, em círculo, não tendo um mediador, a roda promove uma ideia que pertence a todos, onde todos são educadores e não tem eleição, mas sim consenso. Qualquer tema levado à roda pode ser estudado e aprendido, só dependendo da organização. O que se decidir para não aprender em um dia, aprende-se depois. A roda constrói uma pauta, estabelece um processo e uma avaliação. Tudo o que for falado, será estudado, então as pessoas começam a ter uma participação qualitativa, trazendo boas contribuições.

Dessa forma, fazem com que o jovem seja ativo no seu desenvolvimento e do seu futuro. Como Gohn (2014) coloca:

A ideia é que a participação tende a aumentar à medida que o indivíduo participa, ela se constitui num processo de socialização e faz com que, quanto mais as pessoas participam, mais tendam a continuar neste caminho. Em outras palavras, é participando que o indivíduo se habilita a participação, no sentido pleno da palavra, que inclui o fato de tomar parte e ter parte no contexto onde estão inseridos (p. 36).

Esses círculos são criados de forma esporádica para falar de assuntos diversos ou podem ser feitos mesmo após os treinamentos para refletir sobre o que aprenderam. “A roda é a base educacional e organizacional de todos os projetos do CPCD. É nela que os participantes debatem aprendizagens e rumos dos projetos, pensam solução de problemas e conflitos, avaliam o andamento do trabalho etc.” (Queiroga & Mendes, 2016, p. 26).

Uma outra metodologia, chamada de pedagogia do brinquedo, nos ensina a aprender, um dos quatro pilares apontados pela UNESCO como diretrizes globais para a educação no século XXI. Esta pedagogia é feita através “do desenvolvimento de jogos educativos aplicados a variadas situações – desde desafios escolares até de convivência – que promovem o raciocínio lógico, o uso da linguagem, a compreensão e criação de regras, a capacidade de sistematização” (Queiroga & Mendes, 2016, p. 26). Dessa maneira, traz em si toda a riqueza de possibilidades da troca de experiências, conhecimento do outro e respeito às diferenças, desejos e visões de mundo.

Para desenvolver o espírito solidário e afetivo nos grupos, acabando com a ideia de desprezo que contamina o inconsciente coletivo, — principalmente neste meio do desporto que é além de tudo, machista — os educadores em Minas Gerais, criaram a pedagogia do abraço, tendo como premissa o investimento na afetividade, seja através de palavras, atitudes, ou outro tipo de afeto. Dessa forma, possibilita a melhoria da comunicação e estimula a participação, ajudando no fortalecimento da autoestima, reduzindo a violência e favorecendo a integração da equipe, aumentando o desempenho de todos já que o “potencial de crescimento e aperfeiçoamento é muito maior quando se trata do apego” (Tough, 2012, p. 71).

E, por último, a pedagogia do copo cheio que opta sempre por trabalhar com o índice de potencial de desenvolvimento humano, medindo as potencialidades de cada um e não suas carências, dando um olhar de criação e respeitando a história de cada um. Os pesquisadores Queiroga & Mendes (2016) depois de conhecer o projeto e sua metodologia, relatam como se reflete no dia-a-dia: “O ambiente de cooperação, afetividade e igualdade é marcante em vários

aspectos dos projetos, algo difícil de se imaginar quando é pensada a lógica de mercado e competitividade entre pessoas, tão presentes nas grandes cidades por exemplo” (p. 27).

Porém, o êxito dessas ações, que podem ser colocadas em prática em diversos ambientes, inclusive no campo, depende, primeiramente da desconstrução de mentalidades. “Neste ponto, apesar das melhorias reais promovidas, ainda existe muita resistência às inovações – não apenas técnicas e práticas, mas também, e principalmente, de cunho ideológico – por parte de alguma parcela da população” (Queiroga & Mendes, 2016, p. 36). Este é um dos principais desafios: modificar a cultura com certos paradigmas enraizados fortemente dentro de nós.

As crianças nascem naturalmente com uma curiosidade para aprender, e são os adultos, com sua arrogância, que acham que sabem tudo e moldam os mais novos da mesma forma. Portanto, o trabalho principal é com os adultos; em mudar seu modo de pensar e deixarem se criar juntos com as crianças na própria relação que acontece a todo instante, já que “o papel do educador é criar condições para que o homem possa desenvolver as suas capacidades” (Carvalho & Carvalho, 2006, p. 11) e que geram processos permanentes de aprendizado, não sendo apenas reprodutores de informação.

Um clube, uma escola ou qualquer outra organização que tem como finalidade educar, seja para qualquer fim, pode funcionar como um dispositivo potencializador de possibilidades já existentes. Os técnicos, assim como equipes dos setores pedagógico, psicológico e social, têm importante papel nessa dinâmica, porque têm o conhecimento técnico para orientar as ações de forma a não interferir nos processos criados pelas crianças e pelos demais participantes. Necessitam usar o seu conhecimento para estimular os participantes, identificar potencialidades e trabalhar em conjunto, sem desviar o foco do protagonismo.

Uma nova educação é possível, e se incluirmos esses pensamentos no processo de desenvolvimento dos jovens aspirantes a jogadores, não só estaremos formando melhores atletas mas também os clubes estarão cumprindo seu papel dentro da sociedade que é educar os jovens dentro de seus espaços, mesmo que estes não venham a se tornar profissionais no futuro.

CAPÍTULO III

CLUBE DE FUTEBOL COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

1. O Projeto

O BX Represent é um projeto sócio desportivo, na cidade de Bruxelas, fundado pelo jogador, Vincent Kompany, atualmente em atividade pela equipe R.S.C. Anderlecht. Vicent é mundialmente conhecido por ter jogado no Manchester City FC e por ter sido capitão da equipe nacional da Bélgica durante duas copas do mundo de futebol. Tendo crescido em um dos bairros periféricos da capital belga, vislumbrou criar um projeto que pudesse ajudar clubes da cidade a terem uma visão mais educativa perante os jovens. Estes que, com muita frequência, sofrem preconceitos por não se encaixarem no padrão normativo estabelecido pela sociedade local. São jovens, que assim como ele, com descendência africana e, por vezes, filhos de refugiados, são renegados por não falarem os idiomas locais, seja o francês ou o holandês. Jovens estes, “submetidos ao comando da malvadez da ética do mercado, que me parece ser pouco tudo o que fazamos na defesa e na prática da ética universal do ser humano” (Freire, 2011, p.19).

É neste contexto, “por meio de convênios e parcerias, que acabam desenvolvendo os projetos sociais em conjunto com as escolas” (Gohn, 2014, p. 41), que o futebol se apresenta como um caminho de mais oportunidades de aprendizagem. Desta forma, o desporto pode auxiliar estes adolescentes a terem mais autoconfiança, se desenvolverem emocionalmente e, conseqüentemente, estarem melhor preparados para a vida futura. Afinal, conforme sugerido por Gadotti (2005), “o direito à educação é sobretudo, o direito de aprender. Não basta estar matriculado numa escola. É preciso conseguir aprender na escola” (p. 1). E esses meninos e meninas também tem este direito.

O futebol, hoje o principal ator na promoção da cultura esportiva em vários países, “tem sido a maior diversão na infância, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, das periferias, dos lugares onde sobra algum espaço para brincar” (Freire, 2011, p. 2). Kompany, como é mais conhecido, decidiu usar sua paixão pelo futebol como um meio para formar um cidadão mais completo. Em março de 2013, o BX Represent foi criado sob a forma de uma série de atividades com o intuito de ajudar clubes de futebol amadores a criar uma forte visão social e educativa do desporto. De forma calorosa, tem ajudado no desenvolvimento dos jovens

fora da escola, provendo uma educação integral para a vida pessoal e profissional. O clube deliberadamente mantém baixas taxas de filiação para viabilizar a participação de todos os jovens.

Além de não ter uma visão educativa, atualmente, a maioria dos clubes amadores da cidade têm graves problemas administrativos e financeiros, causados principalmente por um nível relativamente baixo de envolvimento e profissionalismo. Estes clubes são coordenados principalmente por voluntários e muitos deles não têm tempo, dinheiro, motivação e/ou experiência para investir na formação dos jovens ou na gestão. Portanto, o projeto do BX Represent tem o objetivo de trabalhar para preencher estas duas lacunas.

O projeto tem como alvo principal tornar o campo um local de diferentes aprendizados, com a transmissão de valores e desenvolvimento de competências emocionais e cognitiva. Conforme discutido acima, a escola não vem cumprindo um papel de prover uma experiência de aprendizagem mais ampla, sendo vista mais com uma transmissora de conteúdo numa velocidade cada vez mais rápida. Então, o clube busca ser parte de “um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes e certas habilidades que não se limitam ao adestramento de procedimentos contidos em normas instrucionais, como em algumas abordagens simplificadores na atualidade” (Gohn, 2014, p. 39).

O segundo, mas não menos importante, objetivo do projeto, é inserir essa população no mercado de trabalho. Ao não terem uma educação completa, muitos jovens acabam desempregados e sofrendo ainda mais preconceitos. Os idealizadores do projeto acreditam que ao inseri-la em trabalhos, essa população será mais bem integrada à sociedade.

No entanto, esta segunda meta é contraditória a ideia de uma educação emancipadora, onde o povo pode criar “novas formas de viver em sociedade que valorizem o ser relativamente ao ter, bem como uma sociedade que não ‘santifique’ o crescimento econômico e que não obrigue os sujeitos a se adaptarem às regras do sistema econômico” (Canário, 2009, p. 26). E essas formas só se tornarão realidade ao educarmos os jovens a serem críticos, “confrontado todo o sistema de internalização, com todas as suas dimensões, visíveis e ocultas” (Mészáros, 2005, pg. 47). Porém, compreendo a necessidade desses jovens serem inseridos no mercado laboral, e não dependerem de assistência social, desde que seja para trabalhos qualificados e escolhidos por eles.

E é neste nesse ponto que o futebol, um dos desportos mais praticado no país (Sabaini, 2018) e uma educação crítica, podem ajudar e muito,

mostrando que aprender e sentir prazer não se opõem, ao contrário. E quer dar ao futebol todo o sentido social que dele pode se extrair, ensinando a perder e a ganhar, a lidar com a vitória e com a frustração, habilidades que, quando assimiladas, só fazem o homem ser mais feliz e ajustado (Freire, 2011, p. 9).

Com esta mentalidade, o BX se transformou em um projeto urbano muito substancial. Começando apenas com um clube, o Bx Brussels, com cerca de 300 membros em 2013, o BX Represent agora já é responsável pelos projetos sociais e desportivos em mais duas associações, o Blackstar FC e o FC Forest. Os três clubes somam, atualmente, mais de 1200 jovens atendidos todas as semanas, que variam de 3 a 25 anos. A plataforma central de serviços conta com cerca de 15 funcionários em tempo integral, que coordenam em torno de 100 voluntários, entre os quais, técnicos e assistentes administrativos.

O plano é expandir as atividades para outros clubes da capital, atingindo mais jovens e contribuindo para o seu desenvolvimento social e comunitário, assim como a inserção profissional. O rápido ‘sucesso’ do projeto diz algo sobre a necessidade de tal abordagem esportiva e social em Bruxelas. “Diante da crescente mercantilização da educação, os Estados estão deixando cada vez mais de assumir o seu dever de garantir esse direito” (Gadotti, 2005, p.1) tornando espaços como estes ainda mais importantes.

Buscando mudar esta situação, o projeto tem um forte foco na formação pessoal dos jovens, como descreverei mais abaixo, através do futebol e outras dinâmicas fora do campo, assim servindo de suporte na superação de questões que os afligem. Junto a este apoio, existe um contato direto com empresas, visando acabar com os preconceitos existentes contra estes grupos e que estes possam ser contratados e treinados para desempenhar trabalhos qualificados. Ao integrar grande parte da população da cidade que tem um passado de imigração, sofre de preconceito e déficit em áreas importantes como educação e saúde, o projeto busca “mobilizar as populações enquanto atores do desenvolvimento” (Fragoso, 2009, p. 95).

Este programa possibilita uma ampla visão do que é ser feito através do desporto. Utilizando das palavras de Freire (2014), “esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador ‘bancário’, supera também a falsa consciência do mundo” (p. 105). Por isso, entrei nesta organização; para aprender mais a respeito de técnicas para o desenvolvimento social e pessoal

dos jovens e, quem sabe depois, levar para os clubes profissionais no Brasil, tornando os jovens também atores do seu próprio desenvolvimento.

2. Identificação do contexto de intervenção

Em uma pesquisa feita por Zaluar (1994), no Rio de Janeiro, uma cidade com uma periferia excluída como Bruxelas, o desporto é visto tanto para os alunos como para as mães entrevistadas, como um formador de comportamentos. Portanto, o programa do BX Brussels e seus pares parece ter encontrado um nicho importante para o desenvolvimento de jovens em situação de risco. Na teoria, a principal força está em sua abordagem social-esportiva com ambos os aspectos recebendo igual importância, tanto a aprendizagem do futebol quanto o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais de seus jogadores. O clube busca oferecer soluções para muitos dos problemas sociais urbanos que metrópoles complexas como Bruxelas enfrentam hoje, entendendo o “homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais” (Freire, 2014, p. 101).

Como mostram Marsh & Kleitman (2003), existe uma relação positiva entre desportos (principalmente desportos coletivos) e saúde mental, uma vez que “a participação no esporte aumenta a autoestima e o senso de valor próprio, reduz a distância social e estudos mostram que as crianças experimentam maior felicidade se fizerem parte do ambiente social interativo de um clube esportivo” (p. 220). Além disso, aqueles que participam do desporto são menos propensos a se envolver em uma variedade de comportamentos considerados inadequados, sendo mais comprometidos, mostrando melhora nos resultados escolares e na felicidade em geral, como visto no caso da Islândia.

Apesar de ser um ambiente de aprendizagem não formal e marcado pela ocasionalidade e informalidade, é “também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal,” (Gadotti, 2005, p. 2) na qual se pode inserir práticas que trabalham na formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, luta contra desigualdades e exclusões sociais. Estas práticas estão “no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura” (Gohn, 2014 p. 41), que vêm ganhando cada vez mais destaque ao redor do mundo.

Os clubes que fazem parte do projeto hoje contam com cerca de 25 nacionalidades diferentes em suas atividades e espelham o caldeirão internacional de culturas que Bruxelas é

atualmente. De acordo com Deboosere, Eggerickx, Van Hecke & Wayens (2009), em 2001, apenas 40% dos moradores nasceram na cidade e mais de 30% são de outros países. Ao trabalhar com esta multiculturalidade, cria-se automaticamente uma inclusão social através do jogo.

Durante anos, os europeus precisaram que os africanos imigrassem para ajudar na reconstrução de seus países após a guerra e agora precisam também aprender e compartilhar dos seus saberes. Nenhum dos dois povos, os locais ou imigrantes, precisam “largar sua identidade local, que pode ser fonte de uma riqueza em sua vida” (Banks, 2004, p. 295), ao mesmo tempo, ambos precisam se adaptar à nova realidade. Porém, é nítido como os locais pouco fazem para absorver a cultura dos que vêm de fora.

Continuamente o povo local não respeita as diferenças culturais dos imigrantes e o maior interesse é em adequá-los aos interesses locais, porém, o papel da educação não é esse, e sim a inclusão. O que “equivale a dizer que a educação não consiste apenas em transmitir cultura, mas também – e principalmente – em criar as condições de surgimento de novas formas de cultura” (Marinho, 2014, 23). E então, no longo prazo, todos possam usufruir de uma melhoria nas condições de vida “a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo a comunidade o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas” (Roque Amaro, 2009, p. 108).

A principal atividade do BX atualmente é a organização de atividades desportivas para seus membros — com sessões regulares de treinamento semanais, jogos oficiais e amigáveis, torneios de futebol de campo e também de futebol de rua — estando presente em 4 das 19 freguesias (Jette, Anderlecht, Neder-Over-Heembeek e Forest) da capital belga. Para além das atividades no campo, o BX executa outros programas sociais específicos que beneficiam diretamente seus membros e seus pares, que são chamados de ‘CIPs’, abreviação para Programas de Impacto Coletivo, em inglês.

O primeiro que irei citar é o ensino das línguas do idioma holandês. Como a maioria dos frequentadores dos espaços é imigrante, o clube promove um ambiente bilíngue com a inclusão deste idioma, além do francês já bem disseminado entre todos, ajudando seus membros a se familiarizarem com a outra língua oficial do país, uma vez que este mostra-se como um dos maiores fatores para a exclusão, principalmente do mercado de trabalho. Na prática, esse programa consiste em uma vez por mês, os treinamentos para todas as idades serem integralmente realizados na língua mencionada, a fim de que exista um contato inicial para o aprendizado de termos básicos

e que dessa forma encorajem os jovens a entrarem em cursos posteriormente para agregar mais aos seus estudos.

Durante a temporada passada, o ano teste do programa, funcionou apenas no BX Brussels. Com os aprendizados do primeiro ano e aperfeiçoamento do modelo, este foi transferido também para os outros dois clubes já mencionados. Para este mesmo fim, existe um trabalho em conjunto com a organização *Het Huis van het Nederlands* oferecendo a formação *easy-Dutch* aos seus membros e, durante as férias escolares, também são ofertadas colônias de férias de futebol em holandês.

O BX Perspective é um outro programa dos CIPs que tem o foco no apoio ativo de seus membros na educação não formal, treinamento vocacional e, quando apropriado, na busca de oportunidades de trabalho. Através de workshops e sessões de coaching, 15 membros (maiores de 16 anos) são anualmente ajudados a mapear suas competências e fazer um plano com objetivos pessoais e profissionais. Na segunda etapa do programa, um profissional, com afinidade na área escolhida pelos jovens, é responsável por ajudá-los a atingir suas metas em um percurso de mentoria que dura cerca de sete meses. Esse é um projeto novo que será desenvolvido pela primeira vez e tem a meta de, até 2022, englobar 50 jovens anualmente.

Já com os jovens mais preparados através desses dois programas citados acima, o clube oferece o BX Match, executado junto com o serviço de emprego em Bruxelas e com os patrocinadores diretos dos clubes. O propósito aqui é encontrar oportunidades de primeiro emprego para os jovens sendo, primeiramente, organizado treinamentos específicos de elaboração de CV e técnicas para terem um bom desempenho em entrevistas de trabalho. Depois são realizadas feiras onde os jovens podem se encontrar com recrutadores locais dispostos a treiná-los e contratá-los, aumentando ativamente a coesão social, o espírito de comunidade e a cidadania, e consequentemente fazendo com que as empresas confiem nos adolescentes que ali estão.

Além desses projetos focados em formação e emprego, o clube tem planos para valorizar a cultura. O BX tem como objetivo abrir o mundo para as crianças ao organizar regularmente eventos relacionados ao tópico que não está necessariamente vinculado ao futebol, reunindo familiares e amigos em um ambiente multicultural. Este trabalho conta com duas atividades. A primeira é o BX Press, uma plataforma online, feita pelos próprios jovens, para que escrevam sobre suas visões de vida e sobre o dia a dia em seus clubes em diferentes mídias, como newsletter e Facebook. E o BX Let's Dance, um programa de dança baseado em movimentos de futebol.

Além disso, buscando ser uma parte ativa da comunidade, o clube quer permanecer em contato com a comunidade local. Através do programa BX Peer, são organizadas atividades nos diferentes municípios de Bruxelas: eventos comunitários e apoio a projetos sociais em colaboração com a 'Fedasil', organização que cuida do acolhimento aos imigrantes — como o BXMLR-cup, uma copa de futebol para moradores de rua e através de sessões regulares de treinamento para outras minorias excluídas de Bruxelas.

Por último, existe um outro projeto fora dos 'CIPs' para ajudar na gestão de clubes amadores. O BX Represent está criando uma plataforma central com o intuito de profissionalizar certas funções do clube para dar um suporte maior aos principais atores, técnicos e jogadores, ao:

1. Gerenciar de forma transparente organizações desportivas voluntárias usando uma ferramenta digital (o BX Timebank) capaz de gerenciar as tarefas de seus colaboradores com base nos diferentes papéis e responsabilidades;
2. Economizar dinheiro e reduzir custos permitindo compras compartilhadas e coordenadas de equipamentos desportivos, licenças de software, contratos de seguro para jogadores e equipe de suporte, além de gerar outras economias;
3. Melhorar a qualidade e a gestão dos clubes através de rotulagem de qualidade e atividades conjuntas. Ao fazer parte da Plataforma BX, os clubes se beneficiarão de um selo de qualidade que os fortalecerá para recrutar novos associados e patrocinadores. A plataforma também permitirá que os clubes formem uma rede de aprendizado em que as lições e experiências possam ser trocadas.

Com o intuito de desenvolver e dimensionar as atividades, todos os programas são acompanhados e medidos pelo corpo docente do Desporto da VUB (Universidade Livre de Bruxelas), que tenta mensurar os impactos causados não apenas para os atletas e suas famílias, mas também para toda sociedade.

3. Atividades previstas

Ao visitar o projeto no início de 2019, ficou acordado com os responsáveis que eu iria trabalhar em quatro diferentes frentes durante meu estágio. Primeiro, eu seria o elo principal com

as empresas para se tornarem parceiras do projeto e indicaria como esses parceiros poderiam ser inseridos no programa de formação e procura de emprego. Neste âmbito, meu trabalho seria buscar que esses negócios abrissem as portas para que os jovens pudessem fazer visitas e até estágios e entenderem como funciona um universo com que não tiveram ainda contato.

A segunda parte do meu trabalho — que na verdade antecede a primeira — seria preparar bem estes jovens para estarem prontos para as oportunidades que pudessem aparecer. Este preparo seria através do BX Perspective, que, como descrito anteriormente, visa ajudá-los a identificar seus potenciais através de suas histórias de vida e de sessões de treinamentos direcionados. Portanto, ficou definido que eu seria o responsável por fazer a conexão entre todos os participantes do programa assim como acompanharia os resultados, fá-los-ia ajustes necessários quando fosse preciso e ajudaria na avaliação buscando sempre o aprimoramento e mais valia aos jovens.

Além das atividades pedidas pelos responsáveis do projeto, propus realizar mais alguns trabalhos mais alinhados com meus estudos no campo da educação não formal e integral, meu maior interesse. O primeiro foi criar um laboratório de desejos. O foco do projeto era formar estes jovens para entrar no mercado de trabalho, sabendo que isto poderia ajudá-los na inserção na sociedade. Porém, neste processo, poderiam aparecer projetos pessoais que poderiam ser desenvolvidos se tivessem algum tipo de acompanhamento. Para mim, era importante fazer com que não desistissem de seus sonhos, já que os nutrir faz parte de uma formação integral.

Utilizando como base o RedStar Lab, um programa da equipe RedStar Paris, tive a ideia de criar um espaço onde qualquer jovem pudesse levar suas próprias ideias e, com a ajuda de tutores, as desenvolver. Ao se tornar protagonista de sua própria história, os jovens podem atingir seu verdadeiro potencial, e através deste projeto o clube estará promovendo uma “educação problematizadora que se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (Freire, 2014, p. 100).

Meu outro foco foi trabalhar dentro de campo. Como a base do projeto é o futebol, o melhores resultados seriam obtidos com o trabalho no gramado, durante as sessões de treinamentos, mesmo com os programas em paralelo. Com isto, seria possível realizar dinâmicas diferenciadas nos treinamentos de diferentes idades para que desenvolvessem habilidades como a resiliência, o respeito, o pensamento crítico entre outros que muitas vezes faltam nestes jovens por não terem crescido em um ambiente ideal. Como Freire (2011) diz,

Deve fazer parte da pedagogia do esporte conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar suas próprias soluções e a falar sobre elas, levando-o a compreender suas ações. São coisas que contribuem para o desenvolvimento da inteligência do aluno. Não pensamos só no craque; pensamos, mais que isso, na sua condição humana (p. 9).

Segundo o cronograma estabelecido, no primeiro mês da minha chegada, setembro de 2019, iria realizar uma rotação nas diferentes áreas para conhecer um pouco mais do todo e, a partir de outubro, começaria a trabalhar no que foi mencionado. O combinado foi de 38 horas de trabalho semanal, de segunda a sexta, até o final de julho de 2020. Durante este mesmo período, iria me dedicar a escrever este relatório.

4. Da teoria à Prática

Em setembro, no meu primeiro dia, tivemos uma reunião na Universidade Livre de Bruxelas, com o professor Doutor Marc Theeboom, para discutir como o desporto pode ser um importante meio para ajudar no processo de formação de pessoas que estão à procura de trabalho, que é seu campo de estudos. Fizemos alguns workshops para entender quais eram as habilidades que precisariam ser ensinadas à população desempregada de Bruxelas. Segundo um estudo de Blades, Fauth & Gibb (2012), os componentes para empregabilidade são divididos em quatro categorias: pessoal, interpessoal, autogestão e iniciativa e contêm características como confiança, autocontrole, planejamento, motivação, atitude positiva, resolução de problemas entre outros. Ou seja, as mesmas que se desenvolvem através de uma política para a educação integral, valorizando mais do que componentes cognitivos.

Todas essas habilidades de empregabilidade são de natureza geral e relevante para todos os tipos de ocupações, mas também para a vida, consideradas necessárias para estabelecer as bases para uma participação efetiva e proveitosa na vida social e econômica. Como mencionado, a maioria desses desempregados, assim como os participantes do projeto, vêm de outras partes do mundo, e uma parte desse processo de formação nada mais é do que adaptá-los à cultura local, onde existe uma forma diferente de pensar e se relacionar, que domina também os meios de trabalho.

Podemos fazer aqui um paralelo com o que chamei mais cedo de uma educação não formalizada, via participação social, que traz a capacidade de identificar e resolver os próprios dilemas, torna o jovem capaz de gerir suas emoções e acreditar que é possível transformar a sua realidade e, assim, atuar positivamente com protagonismo na própria vida, trazendo mais autonomia e criatividade. E é parte de “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (Gohn, 2014, p. 40).

As conclusões apresentadas pelo professor mostraram que o jogo pode ajudar diretamente no comportamento, aumentando a empregabilidade e a inclusão social; o que reforçou a minha visão de que a educação pode ser o pilar para criar um impacto positivo. Como diz Hartmann (2003), “o sucesso de qualquer programa de intervenção social orientado ao esporte depende em grande parte da força de seus componentes não esportivos” (p. 18).

As primeiras duas semanas após minha chegada foi um período de adaptação para que pudesse me ambientar à cidade, aos moradores, à minha nova casa, ao trabalho e aos novos colegas. Todos estavam ainda voltando de férias e preparando os seus próprios trabalhos para o começo da temporada. Neste tempo, resolvi questões burocráticas como criar meu e-mail e cartão de visitas, assim como os documentos legais para estar na Bélgica como estudante do programa Erasmus+.

Em seguida, detalharei as diferentes atividades realizadas no período em que estive no clube destacadas pelos diferentes programas geridos por mim. Visto que se entrelaçaram no tempo, não estarão em ordem cronológica, mas separadas por projetos.

4.1 No campo

Desde o começo, tinha a ideia de ser assistente técnico para trabalhar em contato direto com as crianças, num ambiente que se caracteriza como um campo de educação não formal. Quando cheguei, descobri que esse cargo era um voluntariado que ganhava cerca de € 10 por hora e trabalhava dois dias por semana. Havia uma vaga aberta para treinar a categoria U6, que corresponde a jovens de 3 a 5 anos, todas as segundas e quintas.

Essa oportunidade de trabalhar como treinador me daria uma experiência nova além da teoria, pondo em prática tudo que estava estudando. Além de coletar informações sobre o impacto das atividades nas crianças, eu me colocaria no lugar da fala, através da experiência vivida e do

saber, o que Freire (2003) define como práxis, um modo de compreender a vida a partir da relação entre ação e reflexão.

Para começar os treinamentos, esperava receber algum tipo de capacitação ou orientação, visto que é um trabalho que nunca havia performado, e que o clube teria já algumas indicações prévias preestabelecidas para todos os técnicos dependendo da idade e fase de desenvolvimento. Porém, não existia. Fui designado assistente de um técnico mais experiente que cuidava de diferentes idades e, como eram muitas crianças, precisava de ajudantes para garantir que todas estavam fazendo os exercícios corretamente e se comportando. Desempenhei este trabalho de setembro de 2019 até o meio de março de 2020, quando as atividades do clube foram interrompidas pela pandemia do Corona Vírus, e a temporada acabou por não ser finalizada.

Após conhecer alguns dos voluntários, entendi que a maioria estava ali por estar desempregada, ou por serem estudantes ainda. Queriam juntar um pouco de dinheiro para si, sem nenhum interesse pelo aspecto desportivo, muito menos pelo educacional. Apenas faziam o básico, preparando de duas a três atividades, e depois iam embora rapidamente quando o treino acabava. Esta dinâmica vai no sentido contrário da opinião de Walsh (2004), que considera que os treinadores de excelência estão sempre dispostos a aprender e a aproveitar oportunidades para aumentar o seu conhecimento de base.

Comecei a me questionar como o projeto poderia ter sucesso se os educadores não se dedicavam ao desenvolvimento dos seus educandos. As relações sociais vivenciadas ao participar de programas de atividade física – principalmente entre jogadores e treinadores – são o fator mais importante para causar mudança de comportamento, e é preciso que seja estimulada a fundo por pessoas que apresentam “uma melhor capacidade de diagnóstico, comparativamente a treinadores novatos” (Arede et al., 2014, p. 36).

Durante o estágio, conversei com Fiston, gerente de RH sobre esta constatação e defendi que precisaríamos recrutar pessoas mais preparadas ou pelo menos, mais interessadas para o cargo. Porém, como relatou, estudantes de educação física ou educadores desportivos, que seriam ideais, não se comprometem com o trabalho no período de provas, e quem já está formado busca empregos que são mais bem remunerados. Portanto, são escolhidos aqueles que se comprometem o ano inteiro em estarem ali, mesmo que não tenham qualificação mínima ou interesse em melhorar.

Além disso, fui lembrado que o projeto serve também para ajudar as pessoas do bairro a terem uma atividade remunerada e, através da qual, adquirirem habilidades, para se inserirem no

mercado profissional. No entanto, não é oferecendo dinheiro e ocupando o tempo que se soluciona o problema; é necessário treinamento também. Conforme mencionado no enquadramento teórico, vimos a importância de ter um bom técnico e como precisa ter um conjunto de habilidades e ferramentas para desenvolver um projeto que ajude os jovens na sua formação.

Durante os cerca de 6 meses que trabalhei como assistente, dividi as tarefas com outros 6 jovens: Ange, Willie, Manoel, Melina, Inês e Yasmin; todos na faixa dos 20 anos que ainda estavam estudando. Em nosso grupo tínhamos cerca de 15 meninos diariamente que realizavam diversas atividades com e sem a bola, enquanto seus pais ficavam do lado de fora do campo assistindo. Em geral, fazíamos brincadeiras com cones, bolas e, às vezes, outros materiais para as crianças se divertirem e desenvolverem seu lado motor.

Os pequenos jogadores sempre nos questionavam se podíamos fazer partidas. Perguntei o porquê de não fazermos mais jogos, já que era a vontade dos meninos, e me disseram que essas atividades eram mais importantes para seu desenvolvimento. Como ainda não conhecia muito sobre o tema, não discuti, mas aprendi mais tarde durante a leitura de livros e artigos, como mencionei anteriormente, que a própria Federação Belga incentiva que os treinadores façam com que as crianças joguem em modelos adaptados e façam gols, já que isto é o que alimenta o amor pelo futebol.

Continuei na minha tarefa de cuidar do comportamento dos garotos, o que não era tão trivial quanto achei. Com frequência se batiam, se jogavam no chão ou faziam outro tipo de rebeldia. Em específico, cinco meninos eram considerados mais ‘problemáticos’ e sempre colocados separadamente para realizar atividades e não ‘atrapalhar’ o restante dos colegas, criando uma segregação e um ambiente ainda mais problemático neste pequeno grupo. Apenas fazendo exercícios de repetição individualmente, permaneciam muito tempo parados esperando a sua vez e se aborreciam.

Porém, também comecei a questionar a vontade daqueles jovens de estarem ali. Sempre entendia que se agiam daquela forma, é que não estavam contentes em jogar, mas eram obrigados pelos pais. Pouco a pouco, comecei a fazer outras atividades não relacionadas ao futebol com alguns deles que ficavam mais à vontade e menos rebeldes. Então, uma vez ao acabar um treino, um pai me perguntou o porquê de seu filho não realizar as mesmas atividades que os demais. Tentei explicar que seu filho ficava mais confortável em outros exercícios, porém, ouvi que seu primogênito deveria participar ativamente como todas as outras crianças. Era uma situação difícil,

pois como iria dizer a algum pai que seus filhos não queriam estar ali? É delicado intervir na educação pessoal de cada um.

Então, aprendi que, de fato, os pais eram um obstáculo para os treinadores. Comecei a entender no cotidiano que o que se passava com esses meninos mais ‘problemáticos’ era devido a uma relação difícil que tinham em casa com seus pais que “afeta as crianças, que então levam esses problemas para a escola, para a rua, para todo lugar” (Tough, 2014, p. 72), mostrando que existe uma relação muito direta entre as questões familiares e o que as crianças apresentam em seus comportamentos.

De fato, o comportamento desses pais à beira do campo não era benéfico, e imagino que seja ainda pior em casa; gritavam sem parar e às vezes entravam em campo para dar represálias em seus filhos, que “se sente ameaçado por uma inquietude interior, que o confunde e atormenta, deixando-o à deriva neste vasto deserto de emoções que fazem cair por terra toda e qualquer tentativa de grandeza” (Martinho, 2014, p. 20). Os voluntários, jovens sem experiência e inseguros, não podiam fazer muito a não ser pedir para que se retirarem do campo. Esta foi uma experiência exatamente contrária ao que vivi quando criança e que me fez amar este jogo, quando o campo era um momento de total liberdade de regras e do controle dos adultos.

Era difícil tentar mudar esta dinâmica, pois além de eu estar complementando o trabalho, os responsáveis pelo setor do clube, que eram os coordenadores de idade e coordenadores gerais, não tinham a formação correta para exercer este tipo de interferência nem ofereciam o respaldo necessário aos técnicos. Ficou claro que ninguém ali tinha o conhecimento desportivo ou educacional, e qualquer iniciativa educativa era vista como um trabalho extra não necessário.

Este cenário me fez entender o quanto a educação formal é também importante e existe para complementar a educação não formal e informal, ao invés de se contrapor. Se os responsáveis tivessem cursos ou espaços de reflexão sobre o papel de um treinador e da educação dentro do desporto, com certeza estariam mais bem preparados para ajudar na formação dos jovens. Resolvi, então, seguir observando e fazendo pequenas intervenções, por exemplo, tornando os treinamentos mais lúdicos, escutando mais a vontade dos meninos enquanto trabalhava nos outros projetos e pensava em como poderia fazer para melhorar aquela realidade.

4.2 Pesquisando

Ao me aprofundar nos problemas que estavam acontecendo em campo, me deparei com uma dificuldade ainda maior. As ideias de diferentes agentes eram divergentes e faltava uma visão unificada da missão do clube. Os coordenadores locais me indicavam que éramos um clube formador de jogadores, enquanto a direção dizia que o foco era no social, no sentido de formar os jovens para o mercado de trabalho. Porém, nenhum dos dois objetivos estava sendo atingido como mostrado na minha experiência como técnico.

Em minha opinião, os clubes de bairro têm somente uma função, e não é nenhuma dessas acima mencionadas. A função principal é o fomento da prática saudável do desporto e formação de valores, como foi destacado na reunião na VUB no primeiro dia. Promover um ambiente saudável para os jovens se desenvolverem é de grande valia e um dos pilares da educação não formal.

Entendi em reuniões semanais diretas com meu chefe, diretor geral do clube, que este não sabia o que acontecia nos treinamentos, visto que nunca estava presente. Apesar de argumentar insistentemente sobre a importância de focarmos mais no lado educativo do projeto, não obtive sucesso, pois o lado financeiro não permitiria mudanças naquele momento. Portanto, precisei de uma nova estratégia para tentar mudar aquele cenário.

O fato de ser novo no setor de educação também mostrou algumas limitações na minha ação dentro de campo, então, busquei parceiros que poderiam me ajudar neste processo de transformação. Portanto, meu foco de trabalho no segundo semestre foi criar um plano para a próxima temporada, 2020-2021, que seria apresentado em março durante a reunião geral de planejamento. Meu objetivo era apresentar as divergências observadas e usar a teoria da educação não formal para mostrar a importância educativa do jogo, permitindo assim uma visão completa do trabalho a ser feito.

Minha primeira iniciativa para fazer este trabalho foi realizar uma pesquisa para caracterizar os técnicos. Tive contato com apenas seis dos quase 150 voluntários existentes (nunca consegui confirmar este número, já que o clube não possui uma base de dados confiável). Pretendia saber a idade, situação de trabalho, grau de escolaridade e ambição de formação (ver as perguntas no anexo 1), para entender se eram capazes de desempenhar uma função chave no projeto, inserindo nos treinos “temas como a construção de valores e a educação ambiental, entre outros; a articulação de diferentes campos e ações políticas; e a escuta das crianças e jovens, encarando-os como sujeitos e não objetos” (Moll, citado por Carmago & Souza, 2017, p. 3).

Em fevereiro visitei todos os treinamentos nos três clubes, entrevistando o total de 22 voluntários que apresentaram uma média de idade de 26 anos, com o mais novo tendo 16 e o mais velho, 51 anos de idade. O desvio padrão foi de 10,53, significando que, em média, os dados recolhidos têm uma dispersão da média de aproximadamente 11 anos, como visto na Tabela 1, abaixo.

	Mínima	Máxima	Média	Desvio Padrão
Idade	16	51	26	10.53

Tabela 1. Idade dos entrevistados na pesquisa

No que se refere à escolaridade dos entrevistados, a Tabela 2 abaixo nos mostra que 12 deles ainda estão no colégio tradicional ou ensino técnico e 08 têm ensino superior concluído ou em curso; outros dois não quiseram responder à esta pergunta. Os dados mostram que 91% estão formalmente integrados no sistema de educação belga.

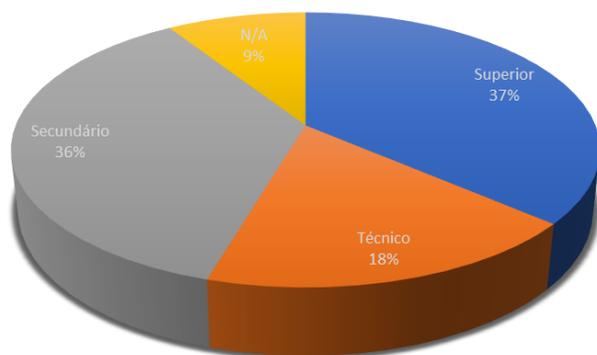


Tabela 2. Nível de escolaridade dos entrevistados.

Seguindo adiante, perguntei qual eram as áreas de formação e apenas três, ou seja, 13%, estavam estudando algo relacionado a educação e futebol, como visto na lista abaixo (Tabela 3).

Área de Estudos
Multimedia
Marketing
Gestão de Esporte
N/A
N/A
Eletrônica
Secundário
Eletrônica
Hidráulico
Eletrônica
Educação Física
Secundário
Secundário
Secundário
Educação Física
Eletrônica
Direito
Informática
Telecom
Secundário
Secundário
Secundário

Tabela 3. Área de estudos.

Sobre a pergunta de situação de trabalho (Tabela 4), 23% trabalham, 23% fazem estágio e 54% não trabalham. Deste último grupo que não trabalhava, porém, apenas 2 se auto identificaram como desempregados, o equivalente a 10% do grupo total. Os outros eram ainda estudantes que dedicavam todo seu tempo aos estudos e não tinham interesse em encontrar um emprego, a não ser durante as férias letivas. Isto mostra que o perfil dos técnicos não era o que me foi colocado antes, ou seja, desempregados do bairro que precisavam do dinheiro.

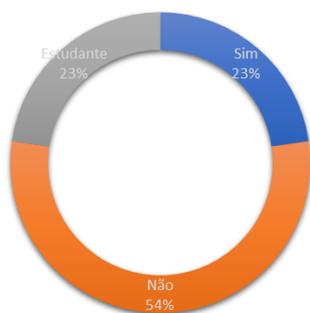


Tabela 4. Situação atual de trabalho. (Sim = empregados, não = desempregados)

A pergunta seguinte visava identificar se estavam à procura de trabalho (Tabela 5). A resposta foi positiva para 3 pessoas, um total de 14%, e talvez para outros 2 técnicos, que estariam dispostos a mudar de trabalho caso encontrassem algo mais interessante, apesar de não fazerem esforço nesta direção. Os outros 77% responderam negativamente, já que ainda estavam concluindo seus estudos.

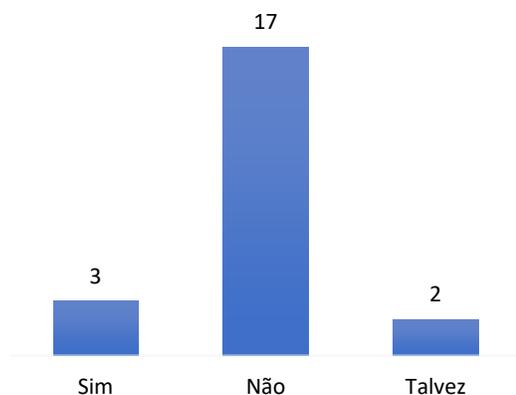


Tabela 5. Procura por emprego.

Por último, perguntei sobre as ambições de formação que o clube poderia ajudar a alcançar neste momento da vida (Tabela 6). A maioria, 68%, respondeu que não buscava nenhum tipo de treinamento atualmente, e outros 32% que sim, mas em diversas áreas, como especialização em futebol, línguas, mecânica e educação. Naquele momento, o clube só dispunha de parcerias para educação na área de futebol, junto com a Union Belge, a federação nacional de futebol do país. Ou seja, apenas 18% dos entrevistados estavam interessados na formação de técnico que o BX poderia

oferecer para que se tornem aptos a desenvolver um trabalho mais elaborado que atenderia às demandas dos jovens.

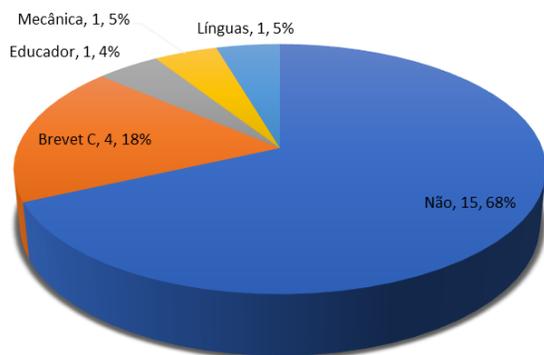


Tabela 6. Busca por formação profissional.

Por último, questionei-os sobre o interesse em trabalhar com educação e desporto como caminho profissional, e apenas 4 responderam positivamente (Tabela 7), totalizando os mesmos 18% dos entrevistados da pergunta anterior.

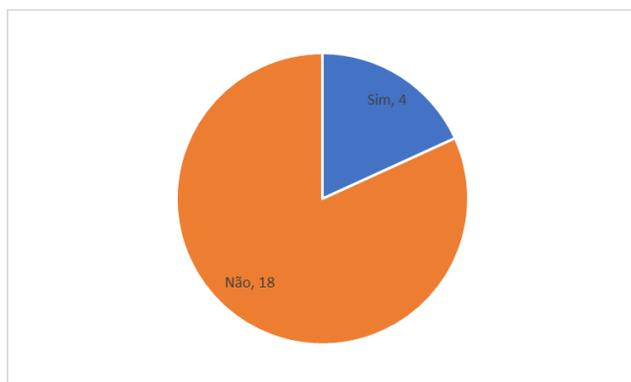


Tabela 7. Interesse em trabalhar com futebol no futuro.

A pesquisa permitiu compreender de que a maioria dos treinadores não tinha o conhecimento de educação ou de técnico desportivo para ocuparem o lugar de formadores que desejávamos para os jovens jogadores. Além disso, não tinham a intenção de trabalhar neste

contexto. Eram na sua maioria jovens que queriam ganhar dinheiro ou adultos complementando a renda familiar, sem a disposição de adquirir o conhecimento necessário para desempenhar um trabalho educativo.

Como diz Camargo & Souza (2017), “propor um sistema de valores subordinado à ética maior é a missão do educador” (p. 6). Porém, durante as entrevistas, entendi que os técnicos tinham os mesmos problemas dos jovens. Apesar de estarem inseridos no sistema de educação formal, faltava o que chamamos de *soft skills*, ou seja, as competências comportamentais, as mesmas que queríamos desenvolver nos jovens. Entendo a preocupação do clube em ajudar a população mais carente do bairro a ter uma renda mensal, mas também não é isto que estava sendo feito, já que a maior parte dos treinadores eram apenas estudantes e não estavam desempregados.

Depois de fazer esta imersão diária e conversar com os técnicos, ficou claro que precisávamos de profissionais mais qualificados ou, pelo menos, mais comprometidos com a formação integral dos jovens. Como diz Smaha & Carlotto (2010), toda atividade educativa, quando bem feita, é “orientada por profissional interessado e a supervisão e avaliação é feita por educadores especializados” (p. 5).

4.3 Uma nova visão

Ao me aprofundar nestas ideias e conversar com os outros funcionários do clube, descobri que, na verdade, o clube já tinha a ideia de desenvolver um projeto, que estava parado, chamado BX School, focado em prover formação pedagógica aos voluntários, para que esses pudessem ser melhores educadores ao treinar as crianças. Não era o ideal, visto que uma formação completa não é algo que acontece em um ano, e ainda teríamos técnicos inaptos a treinar as crianças por algum tempo, mas era preciso utilizar do que se tinha no momento.

Portanto, comecei a formatar, junto com a Marjan van der Donk, nova gerente da área educacional, um treinamento para os técnicos para ser iniciada na temporada seguinte. Junto com uma agência externa, a Promojaune, desenvolveríamos um curso para passar competências para lidar com os jovens no futebol ao mesmo tempo que pensam sobre seu próprio comportamento, servindo de exemplo para os pais e filhos presentes no clube.

O projeto começou com a ideia de realizar um primeiro encontro onde, junto com os voluntários, chegaríamos a uma ideia consensual do que é ser um treinador de futebol amador, levando em consideração o princípio de trabalhar *com* as pessoas e não *para* as pessoas. Pois, tal

como Freire (1977) defende, o indivíduo é parte integrante do seu processo de aprendizagem. Esse encontro geraria um documento balizador dos compromissos que desenvolveriam durante toda a temporada. Uma vez por mês, haveria um encontro para uma troca de ideias continuada, abrindo um espaço para criação permanente, assim como workshops com conteúdo didático.

Nesses seminários, os treinadores passariam por três diferentes módulos. No primeiro, Como Desenvolver o Potencial do Atleta, se teria a oportunidade de discutir o papel do técnico, o impacto que poderia ter e sua importância com os jovens atletas supervisionados, atentando para comportamentos desfavoráveis a seu progresso, os fatores que favorecessem o desenvolvimento e o bem-estar dos mesmos, as razões para iniciar um esporte, as razões para abandoná-lo e, ainda, desenvolveriam a autoestima através da prática esportiva.

O segundo módulo era baseado em comportamentos que poderiam ser implementados para impulsionar a dinâmica da equipe como acolhimento e integração de novos atletas, gerenciando conflitos, valorizando experiências positivas, liderando pelo exemplo e definindo metas. Por último, os técnicos seriam treinados para agir adequadamente diante dos excessos dos pais, conscientizando sobre os seguintes temas: consciência das situações-problema, como saber a diferença entre o comportamento que poderia ser potencialmente benéfico e o que poderia ser negativo, como definir a zona de controle do treinador sobre uma situação problemática, desenvolvendo soluções e mecanismo de assertividade.

Para ajudar, incluí no plano que cada um dos três clubes tivesse um educador desportivo responsável por estar sempre no campo durante os treinamentos ajudando os técnicos e os jogadores e, ao mesmo tempo, promovendo a relação entre todos. Esses educadores seriam responsáveis por organizarem outros treinamentos que julgassem necessários e, uma vez por mês, dariam treinamentos específicos para as categorias U14 até U19, trabalhando sobretudo no desenvolvimento pessoal de cada um e dos voluntários, educando “para a criatividade, levando o educando a colocar-se frente a frente com a sua própria essência e despertando-o para a complexidade do mundo e para o mistério da vida” (Marinho, 2014, p. 21).

Desta forma, aperfeiçoaríamos a formação dos voluntários ao mesmo tempo que trabalharíamos na formação dos jogadores com pessoas especializadas e comprometidas em elevar o nível do trabalho feito. Para além dessas atribuições, os educadores também seriam o elo entre nós do BX Represent e os técnicos e jogadores. Um dos maiores desafios que enfrentei este ano, que será detalhado no próximo programa descrito, foi a dificuldade de comunicação com nosso

público-alvo. Dessa forma, teríamos um intermediário que poderia ajudar a propagar a visão e os programas do clube para todos os membros diariamente.

Por último, nas conversas com a Promojaune fui apresentado a um outro *workshop* que ofereciam com o foco desenvolver a compreensão do valor do desporto numa sociedade e como poderíamos aplicar isto dentro de um clube amador sócio desportivo. No meu entendimento, seria uma ótima oportunidade para que todos os funcionários se juntassem, trocassem ideias e saíssem como uma visão alinhada do trabalho que a ser feito. Como Amiguinho (2005) sugere, é importante que a melhoria do quotidiano aconteça a partir da transformação, e mais importante ainda é colaborarmos.

Todos que trabalham no clube, principalmente os coordenadores gerais, precisavam prestar um suporte para os técnicos, pois senti falta disso enquanto estive no campo. O objetivo era fazer com que, na temporada seguinte, todos estivessem alinhados na estratégia e que se perguntassem o local da educação no dia a dia do clube, principalmente no campo; se seria o centro de suas ações, com o risco potencial de ver o desempenho técnico de seus atletas diminuir como resultado dessa escolha, visto que não seriam mais robôs. Através deste módulo, uma visão unificada poderia ser criada a partir das diferentes experiências que todos têm no dia a dia melhorando a visão fragmentada com que me deparei ao conversar com diferentes atores.

4.4 Novas perspectivas

No projeto BX Perspective, o clube procura trabalhar diretamente com um grupo de jogadores que tem vontade de se desenvolver além do campo mais profundamente, valorizando seus desejos e angústias, dentro do campo da educação integral. Em setembro fui apresentado a Karl Meesters, um belga que trabalhou com esportistas olímpicos de alto nível, junto ao Comitê Olímpico Internacional, para ajudá-los na transição da carreira esportiva após a aposentadoria e ingressou neste programa, apoiado pela Fundo Social Europeu.

O seu intuito é utilizar sua experiência no desporto e no treinamento personalizado para ajudar jovens das periferias de Bruxelas a atingirem seus sonhos através de um programa de autoconhecimento, planejamento e, posteriormente, um acompanhamento, com o objetivo de promover o desenvolvimento local já que visa “reconhecer todas as potencialidades das comunidades” (Gadotti, 2009, p 39). Ao ampliar os espaços de aprendizagem desses meninos, atividades como essa são “colocadas à disposição dos alunos no turno inverso, (e) podem

compensar, em grande parte, as lacunas que o meio social não lhes permite alcançar” (Fortunati, citado por Gadotti, 2009, p. 39).

O primeiro passo foi visitar todos os treinos dos jovens entre 15 e 25 anos, para explicar do que se tratava o programa e entender quem estaria interessado. Naquele momento entendi que não existia um contato direto entre os funcionários centrais do BX Represent e os voluntários, jogadores e pais dos atletas. Além disso dificultar a minha tarefa, mostrou-me como havia uma separação enorme das estratégias educativas para o que acontecia em campo. Apesar do programa já existir há um ano, ninguém do nosso público-alvo o conhecia.

Neste cenário, os técnicos, que poderiam ser nossos parceiros, não podiam nos ajudar. Tal situação mostrava ainda mais o quanto era necessária uma relação mais próxima com esses voluntários, e deles com os jogadores. Como diz Bernardo (2015), “a relação que se cria com os outros e com o meio é essencial para a aprendizagem individual e, por isso, o desenvolvimento e o crescimento acontecem quando se estabelece relação com a comunidade” (p. 17).

Depois de comunicar com cerca de 200 adolescentes durante os treinos, 88 se mostraram animados em participar do programa. Ao entrar em contato direto via telefone para confirmar a inscrição, 46 confirmaram presença. Organizei, então, de acordo com os horários de treinos de cada um, três grupos de cerca de 15 adolescentes em cada. Apesar de parecer algo trivial, foi trabalhoso me comunicar com os jovens, que muitas vezes não respondiam e, depois, conciliá-los no mesmo horário em espaços apropriados. Porém, com muito esforço, no meio de outubro, começamos os ateliês.

4.4.1 O projetado

Na primeira semana, pôde-se compreender um pouco mais desta dificuldade mencionada. No primeiro dia, tínhamos 16 inscritos, mas apareceram mais de 30 jovens. Nos dias subsequentes, havia cerca de 30 matriculados no total, mas só apareceram 5 garotos. Na segunda semana, os números do primeiro dia caíram para 23, e não conseguimos atrair os jovens dos outros dias, que não vieram. Além disso, foi realizado um ateliê extra para uma equipe que foi obrigada pelo técnico a comparecer durante o horário de treino e outros dois workshops menores para três participantes que ainda não tinham se inscrito, mas demonstraram interesse posteriormente.

Tentei entender o porquê desses jovens não comparecerem, enviando mensagens pessoais. Quando consegui respostas, as razões eram as mais diversas, como falta de tempo, pois tinham

que estudar, cuidar dos irmãos mais novos ou que estavam doentes. Outro retorno que recebi de jovens foi que achavam que, nestes workshops, iriam conhecer o dono do clube, Vincent Kompany, e melhorar suas habilidades futebolísticas, mesmo que isto jamais tenha sido mencionado por nós da organização.

Durante os encontros, os jovens foram realizando atividades direcionadas, todas idealizadas por Karl, para que se conhecessem melhor, definissem seus talentos e habilidades, direcionassem sua visão na busca por um treinamento e/ou uma profissão que correspondesse aos seus sonhos e ambições, valorizando a aprendizagem como “um dos fenômenos centrais na vida do ser humano” (Gohn, 2014, p. 38). Nesses encontros, um dos objetivos era mostrar que ter sucesso no desporto não é apenas ser atleta e performar melhor; depende do trabalho realizado e da motivação. O sucesso é gerado pelas habilidades que desenvolvemos, pelos valores que colocamos em prática e pelos princípios que respeitamos.

Tais aspectos aprendidos no desporto são aplicados a outras áreas de nossa vida. Ao explorar os elementos das suas personalidades que permitiam jovens terem sucesso no desporto, aprendiam como transferi-los para outros campos como o trabalho. Portanto, toda esta reflexão os levava a um plano de carreira individual com ações muito concretas, mostrando que educação “é o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade (...) respeitando e valorizando as diferenças” (Brasil, 2013, p. 17).

No final de quase um mês e meio de workshops, tivemos um total de 60 participantes, com 29 pessoas presentes a apenas um seminário, 8 participando de dois workshops e 23 participantes finalizando os três encontros. Desse último grupo, 17 ficaram interessados em seguir no próximo passo do projeto, o programa de *Mentoring*, onde um profissional, da sua área de interesse os acompanhariam ao longo dos 7 meses seguintes para ajudar a todos no que fosse preciso para que atingissem seus objetivos. Dentre esses jovens, tivemos quase 50% deles que tinham o desejo de se tornarem jogadores profissionais, e os outros querendo seguir carreira em ramos diversos como chef de cozinha, música, sociologia e engenharia.

Ao mesmo tempo que organizávamos os workshops, cuidávamos de preparar os mentores, responsáveis por, a partir de dezembro, fazer o acompanhamento individual com nossos adolescentes para os ajudarem a executar os planos definidos. Fizemos uma campanha em nossas redes sociais para atrair os interessados e depois foi realizada uma sessão de informação para os mesmos a fim de explicar em mais profundidade o que é esperado deste trabalho. Conseguimos

atrair um total de 11 mentores para que começássemos as sessões, com alguns se ocupando de mais de um jovem. Eu fiquei interessado em participar como mentor também com a finalidade de aprender também, já que o educador

... não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo, com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem (Freire, 2014, p. 95).

Alinhamos os perfis dos mentores com o perfil dos jovens e, durante o mês de dezembro, realizamos os encontros para os apresentar e começar o programa que duraria até final de julho. Para acompanhar este trabalho, desenvolvemos junto com a Entrilli, uma empresa de tecnologia, uma plataforma onde mensalmente os mentores responderiam a algumas perguntas para detalhar o avanço do trabalho.

Durante todo o curso do projeto, percebi que a grande maioria dos jovens não tinham motivação ou interesse para buscar algo e isso me fez pensar em dois aspectos. O primeiro é sobre o estudo que Tough (2012) que mostra as “correlações entre experiências adversas na infância e resultados negativos na idade adulta” (p. 39). Ele mostra que crianças que vêm dos subúrbios sem estrutura familiar, caso da maioria dos garotos presentes no projeto, têm às vezes a capacidade de aprendizagem prejudicada por traumas vividos em etapas bem primárias de sua existência gerando uma trava pelo resto da vida.

O segundo aspecto é sobre a vida moderna, principalmente por sua virtualidade, sua superficialidade e imediatismo, que fazem com que esses jovens percam alguns valores primordiais na vida. Como diz o filósofo húngaro Bauman, em entrevista ao repórter De Querol, do jornal eletrônico El País, “as redes sociais são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha” (2018, § 20). Na vida virtual, tudo é mais fácil e perdemos a arte das relações sociais e da amizade. Além desses jovens não valorizarem os laços humanos, enxerguei seguidamente uma falta de proatividade, sendo passivos a tudo ao seu redor. Na maioria dos casos, o único interesse que tinham era o futebol e, mesmo neste sentido, não faziam muito para melhorar esperando que alguém os identificasse e lhes oferecesse uma carreira de sucesso. Como exemplo, tivemos o caso de um dos participantes que disse que queria ser jogador profissional. Quando

perguntamos se estava treinando, disse que não. Ao ser questionado o que estava fazendo para que atingisse seu objetivo, nos respondeu que estava esperando que um ‘olheiro’ – observadores que selecionam possíveis talentos para testes em clubes profissionais – o encontrasse. Mas como fazer, se não jogava?

4.4.2 *Football 3*

Depois de muitas conversas com Karl, entendemos que levar esses jovens para dentro de uma sala não era o modelo ideal, muito parecido com uma educação formal da qual estavam cansados, e precisávamos falar uma língua mais próxima da deles para desenvolvê-los socialmente e emocionalmente. Como diz Gadotti (2009), “muitas crianças gostam mais de aprender na rua do que na escola (...). Na rua, a criança pode fazer suas próprias regras. Aí, ela pode exercer seu direito de sujeito normativo” (p. 44). Assim surgiu o plano de levar o nosso workshop para o campo.

Baseado na experiência de um projeto de Jurgen Griesberg na Colômbia dos anos 1990, resolvi tentar algo adaptado para a nossa necessidade. Griesberg ensinava sociologia de esporte e trabalhava em seu doutorado em saúde pública, quando a notícia da morte de um jogador da seleção nacional, por um erro cometido durante a Copa do Mundo de 1994, chegou a ele. Não conseguia imaginar como o futebol, um jogo baseado no trabalho em equipe, comunicação e respeito, poderia levar a tão violentos atos. Decidiu não continuar com a carreira acadêmica, mas estudar o fenômeno da violência urbana em seu país.

Depois de estudar bastante, a jornada o levou de volta ao futebol. Percebeu que o jogo poderia ser um espaço de diálogo e um elemento-chave na solução de questões de violência. Em 1996, junto com colegas, desenvolveu o que chamou de *Fútbol por la Paz* — ou Futebol pela Paz, em português. Adaptaram uma partida regular para facilitar o diálogo entre os jovens que eram afetados por conflitos armados, onde não existia árbitro e os valores de igualdade de gênero, jogo limpo e resolução pacífica de conflitos eram enfatizados.

Assim nasceu o *Football3*, como batizou em inglês, e hoje é jogado por milhares de jovens em diferentes projetos sociais ao redor do mundo, e disseminado pela rede da organização *streetfootballworld*, hoje ligada à FIFA, entidade máxima do futebol no mundo. Nesta dinâmica, o importante é ajudar os jovens “a desenvolver um conjunto muito diferente de qualidades, entre elas persistência, autocontrole, curiosidade, escrupulosidade, determinação e autoconfiança”

(Tough, 2012, p. 17). Ou seja, um processo mais adequado do que simplesmente introduzir uma quantidade de informação — como na escola — com que as crianças não sabem lidar.

A metodologia, que pode ser usada para abordar questões sociais em uma variedade de contextos locais, já transformou a vida de dezenas de milhares de jovens. Eu tinha o desejo de utilizar este formato para abordar questões de desenvolvimento pessoal dos jovens e, assim, os questionar sobre o futuro, para depois os atrair para os ateliês particulares com Karl e o programa de mentorado. Dessa forma, é possível tornar o processo mais prazeroso, pois, como salienta Marinho (2014), “educar sem poesia, sem filosofia, sem arte é o mesmo que educar na sombra, aguçando ainda mais a aridez da insensibilidade e da substância do não-humano” (p. 21).

Neste programa, o jogo é dividido em três partes que se concentram em transmitir valores, inclui ativamente mulheres e meninas já que é jogado em equipes de gênero misto e não é focado apenas em ganhar ou desenvolver habilidades de futebol. O treinador primeiro pergunta qual tópico a ser trabalhado naquele dia que gera uma discussão antes de começar a partida. As duas equipes se reúnem e selecionam as regras que querem usar de acordo com o tema escolhido, criando um desenvolvimento endógeno, “pensado pelas próprias pessoas e uma alternativa aos modelos dominantes” (Bernardo, 2015, p. 5).

A segunda parte da atividade é o jogo em si, que geralmente apresenta equipes menores (por exemplo, de 5 a 7 jogadores por equipe) e são mais curtas – de 10 a 20 minutos. As partidas podem ser jogadas em campos menores e improvisados, e são disputadas sem árbitros, permitindo aos jogadores assumir a responsabilidade de seus atos, tratando-se de um “processo de aprendizagem coletivo, onde os saberes experienciais e a interação coletiva colaboram na resolução de problemas” (Canário citado por Bernardo, 2015, p. 5).

Na terceira parte, as equipes são novamente agrupadas pelo treinador, que, nesse caso, age como um mediador, para refletir sobre o jogo, sobre como se sentiram e o quão bem as regras foram respeitadas, além de terem a oportunidade de premiar seus oponentes com base em sua conduta. Vemos, nesta última parte, uma similaridade com a roda de conversa do CPCD, baseada na teoria de Paulo Freire, na qual é possível que todos possam partilhar gostos e desgostos, mostrando que “os indivíduos aprendem a partir das suas experiências, evoluem através da reflexão que fazem dessas mesmas experiências e constroem o seu próprio conhecimento” (Bernardo, 2015, p. 2).

Atividades em grupo, como essa, mobilizam ações terapêuticas pedagógicas e colaborativas, centradas na formação integral do ser. A força que tem uma rede solidária para combater problemas é grande, e um simples gesto de escuta tem um impacto direto dentro de um grupo. Por isto, os três momentos são importantes para que todos reflitam sobre suas atitudes e sejam mais responsáveis sobre seus atos. É neste momento que se pode trazer à discussão certos valores do jogo para outros momentos de suas vidas e como esses serão importantes também para que se desenvolvam integralmente e tenham sucesso no caminho que escolherem.

Esta prática promove o fortalecimento dos vínculos comunitários, buscando o entendimento das raízes das questões sociais. Também reconhece as qualidades pessoais, tradições culturais e histórias de vida como atributos valiosos e os utiliza para o funcionamento do grupo, como na teoria da educação não formal, já que se constitui num “conjunto de processos, meios, instituições, específica e diferencialmente desenhada em função de explícitos objetivos de formação e instrução que não estão diretamente dirigidos à concessão de grau, próprio do sistema educativo formal” (Trilla, 1993, p. 30). Os frequentadores encontram um lugar para a elaboração de suas inquietações e iniciam a construção de uma rede de apoio mútuo e solidariedade promovendo a resiliência tanto dos indivíduos como do grupo, podendo estender-se à comunidade.

4.4.3 Tornando-se profissional

Ao perceber que a maioria dos jovens estava interessada em se desenvolver desportivamente, resolvemos criar um workshop extra dedicado a estes meninos, se possível com a participação de um ex-jogador a fim de mostrar um possível caminho a ser seguido para se tornar um profissional. Muitos meninos enxergam somente o lado bom, como o dinheiro e a fama, mas não têm noção dos sacrifícios que os atletas profissionais fazem para atingir o auge.

Além disso, o sonho de se tornar um jogador profissional pode parecer muito abstrato, e julgava necessário apontar etapas mais concretas neste caminho. A ideia era que após este ateliê, se alguns refletissem que gostariam de se esforçar para continuar neste trajeto, firmariam um compromisso de dedicação que incluiria um treino extra por semana com um treinador profissional, realizando partidas amistosas com outras equipes do mesmo nível. Adicionado a tudo isso, teriam acompanhamento pessoal mensal com Karl para tomarem consciência da necessidade do atleta de alto rendimento também trabalhar sua habilidade mental e emocional.

Queríamos que esses jovens mantivessem os seus sonhos de atleta pois “não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho” (Freire, citada por Martinho, 2014, p. 20). Com um objetivo mais plausível, talvez buscassem se esforçar mais. Ao final da temporada, o plano seria contatar clubes profissionais na região, que quisessem realizar um jogo amistoso para que nossos jovens pudessem ser observados e, quem sabe, tivessem uma chance de seguirem suas metas em locais mais apropriados, que lhes proporcionasse a oportunidade de se tornarem jogadores profissionais.

4.4.4 Mentorado

No programa BX Perspective, como disse, me tornei mentor, pois acho que também se enquadra dentro dos meus estudos de educação não formal. O relato deste processo, que farei agora, teve o consentimento de minha mentorada, uma jovem estudante de 21 anos no segundo ano da faculdade de Antropologia e que tinha o desejo de trabalhar com políticas sociais, e por motivos de privacidade, a chamarei de Irene. Mais especificadamente, a minha mentorada tinha o interesse de seguir uma carreira internacional em organizações não-governamentais ajudando movimentos que advogam em favor de minorias. Como passei seis anos de minha vida fazendo isso, Karl achou interessante nos colocar em contato neste programa.

No nosso primeiro encontro, ocorrido em dezembro de 2019, conheci mais sobre seus desejos. Durante nossa conversa, Irene concluiu que tinha dois grandes objetivos a realizar até acabar seus estudos no ano letivo. O primeiro era participar do Erasmus na América Latina para aprender o espanhol e entender os diferentes impactos que as políticas globais têm nas diferentes partes do mundo, neste caso, em um país ainda ‘em desenvolvimento’. O segundo, era aplicar para um mestrado na área Flamengo da Bélgica, para aprender o holandês. Em ambos os casos, queria ter experiências que a tirassem de sua zona de conforto e pudesse ver o mundo sob uma nova perspectiva.

Até maio de 2020, nos encontramos oito vezes pessoalmente e virtualmente — tendo em vista o início da pandemia do Covid-19 — e desenvolvemos algumas metas de curto prazo para atingir seus objetivos finais. No que se refere à sua intenção de estudar na América Latina, a primeira etapa escolhida foi entrar em contato com o setor da universidade que realiza o programa Erasmus para ver as possibilidades de realizar um intercâmbio. A segunda foi procurar grupos de conversação para praticar o espanhol e se preparar para o período no exterior. Por último, procurou

um local na Espanha para realizar um estágio de férias, a fim de se familiarizar com a vida no estrangeiro, praticar a língua e conhecer instituições sociais daquele país. Em apenas três meses, Irene já tinha sido aceita em um programa de intercâmbio na Colômbia para o primeiro semestre de 2021 e começou a fazer cursos de espanhol. Devido à pandemia, o plano de viagem de férias foi interrompido, mas, para compensar, entrou em um grupo de conversação em espanhol na própria Bélgica. Como tudo ocorreu bem rápido, sugeri que procurasse organizações na Colômbia onde, durante seus estudos, pudesse realizar um estágio ou voluntariado, que a ajudasse a entender a situação do país.

Em relação ao segundo plano, logo no primeiro mês, encontrou dois mestrados na cidade vizinha de Ghent e esperará sua volta da Colômbia para decidir em qual fazer a inscrição, assim como realizar a aula de holandês. Tudo poderia ser um pouco alterado devido às incertezas impostas pela pandemia, mas os planos estavam bem encaminhados.

Creio que, desde o princípio, Irene sabia muito bem o que queria, mas não tinha foco, pois, como diz o conceito de Bauman (2015), os tempos são ‘líquidos’, e existem muitas distrações onde tudo muda rapidamente. Portanto, vejo que meu trabalho como mentor foi exatamente de ser alguém que a mantivesse no cerne de seus objetivos, assim como ser uma referência, já que se inspirou bastante com a minha história de vida cheia de experiências internacionais.

4.5 Mundo Profissional

Por último, coordenei o BX Match, o programa para jovens que procuravam ser inseridos no mundo de trabalho. Neste caso, como buscávamos também trabalhar com a comunidade em volta do clube, abrimos a possibilidade de pessoas do bairro participarem dos workshops. Com nossos parceiros/patrocinadores — que são empresas multinacionais como a Engie, Startpeople, DHL e Audi —, organizamos um dia de entrevistas para todos aqueles que buscavam emprego.

A ideia incluía, pela manhã, um workshop para discutir temas ligado ao trabalho: qual carreira seguir, as habilidades que possuem, quais treinamentos ainda necessários e como se apresentar em uma entrevista de emprego. Na parte da tarde, após um almoço coletivo, as empresas apresentariam seus negócios e as oportunidades disponíveis, para depois começarem o contato individual. As entrevistas não seriam focalizadas nos currículos, mas sim na personalidade e vontade de cada um. Algo que não seria possível se esses jovens fizessem inscrições diretamente

no recrutamento das companhias, já que não passariam na primeira triagem de currículo, visto que a maioria não tinha experiências profissionais anteriores.

O trabalho para chegar até o dia do evento, que aconteceu em 12 de março de 2020, foi árduo. Primeiro, assim como no primeiro projeto, fiz visitas às equipes que tinham jogadores aptos a trabalhar e coloquei cartazes nas lojas perto do clube. Além disso, tive conversas com todos os voluntários técnicos que, supostamente, era o público-alvo desta ação e contatei via e-mail os parentes dos nossos jogadores, outro público que pudesse estar interessado.

Para nos ajudar no evento, entramos em contato com o VFU-FFI, uma organização totalmente dedicada à formação de jovens, com experiência em eventos como esse. Eles foram nossos parceiros em realizar o workshop no dia do evento e na divulgação perante algumas entidades do bairro que têm como finalidade treinar os desempregados. Além disso, nos explicaram que têm um fundo que poderiam financiar treinamentos para os participantes, caso seja necessário; o que poderia acrescentar ainda mais ao programa.

Por fim, em meados de fevereiro, chegamos a uma lista de 22 interessados com diferentes perfis, mas a maioria vindo de um projeto social que usa as dependências do clube para treinar todas as manhãs. Eram ex-jogadores profissionais que tiveram contusões e não estavam jogando, mas ainda mantinham a forma em busca de uma chance, ao mesmo tempo que buscavam novos horizontes. Alguns estavam mais preparados para entrevistas, enquanto outros não tinham sequer currículo. Decidimos, então, realizar um ateliê com estes últimos para juntos desenvolvermos seus CVs e deixá-los mais capacitados.

No dia do evento, tivemos um total de 25 presentes e, apesar de ter sido um ‘sucesso’ no sentido de agradar aos recrutadores e aos jovens, recebemos o feedback de que os jovens precisavam se preparar melhor na hora de se expressarem. Isto mostrou que o trabalho com este público é permanente, no sentido de “um processo contínuo do desenvolvimento individual, no qual o indivíduo progride de acordo com sua necessidade e condições” (Smaha & Carlotto, 2010, p. 5), mostrando que a aprendizagem não acaba.

O trabalho posterior seria de fazer o acompanhamento para saber se tivemos casos que foram adiante, mas devido ao momento complicado e com todas as vagas suspensas, esse trabalho só seria retomado pelo clube após o verão, quando eu não mais estaria presente dado que meu estágio acabou em final de julho de 2020.

O programa é uma boa ideia, mas existe uma etapa anterior a ser feita de formação mais integral para que esses jovens se descubram, saibam seus sonhos e estejam prontos para ingressar no trabalho profissional. No ano de 2019, foi realizado um piloto no qual participaram cinco jovens, destes, um que foi recrutado pela DHL e depois de um mês abandonou o trabalho. Treinar esses jovens requer tempo para que seja “uma formação com bases científicas, tecnológicas e culturais, que contemple desvelar a real concreticidade dos valores, ideologias e concepções de verdade” (Silva, 2011, p. 82). Este trabalho é de longo prazo, principalmente com jovens estrangeiros que acabaram de chegar e que, por isso e outras razões, não têm confiança em si.

4.6 Covid-19

O plano era realizar, em maio de 2020, o mesmo evento para estudantes que procuravam estágio no verão. Esse trabalho iria começar em abril, porém, foi cancelado dado o início da crise sanitária que deixou todos em casa e ainda cerca nosso futuro com incertezas.

Apesar de alguns projetos terem sido colocados em estado de espera e o trabalho diminuído significativamente, uma vez que os treinos foram todos cancelados a partir da metade de março, outros planos seguiram. O acompanhamento do programa de Mentoring permaneceu, e dos 17 pares que tivemos, 14 chegaram ao final do processo.

A outra parte do meu trabalho ficou em ajustar todos os detalhes para o desenvolvimento dos novos projetos propostos como Football 3, BX School e o aprimoramento do BX Perspective. Reuniões online foram feitas semanalmente para discutir os avanços com nossos parceiros. Também busquei uma nova organização para nos ajudar com a formação dos jovens para as entrevistas de trabalho, que foi uma demanda apresentada pelos recrutadores.

Para efeitos deste relatório, desenvolvido em boa parte durante o confinamento nos meses de março, abril e maio de 2020, considere as atividades feitas até estes meses, mesmo que o trabalho continue até final de julho de uma forma mais branda.

4.7 Sobre o estágio

A experiência de trabalhar com educação não formal pela primeira vez foi desafiadora. Durante o curso, aprendi bastante sobre a teoria e, vi que, na prática, há uma outra dinâmica. Os paradigmas enraizados em mim ao longo da minha trajetória de vida ainda são muito presentes, o

que me limitou muito com o trabalho dentro de campo. Além disso, preciso conhecer diferentes dinâmicas que permitam fazer esse trabalho de desenvolvimento de jovens. O *Football 3* foi apenas uma que encontrei, mas existem tantas outras ferramentas que podem me ajudar neste início até que consiga criar as minhas próprias. Entendo que o caminho de aprendizado nunca acaba, mas ainda preciso de muita experiência prática para conseguir montar um projeto conciso com diferentes práticas de educação não formal que ajudem a desenvolver o jovem de maneira integral.

Quanto à experiência, trabalhar no projeto BX Brussels foi ao mesmo tempo decepcionante e enriquecedora. Decepcionante, pois achei que iria encontrar um clube estruturado com pessoas conhecedoras de educação e de futebol. Porém, apesar de terem boa vontade, existe pouco conhecimento do que se está fazendo. Fiquei frustrado ao tentar desenvolver projetos e sempre ser travado por motivos burocráticos e não conseguir ter discussões em um nível mais elevado. Entretanto, isto também me levou a questionar sempre e repensar todas as atividades. Foi bem desafiante trabalhar sozinho durante muitos momentos e encontrar soluções para problemas com que nunca tinha lidado, mas ao final, esta experiência, me gabaritou para uma próxima etapa ainda mais rica, desta vez, no Brasil.

CONCLUSÕES FINAIS

Antes de iniciar o curso, tentei por várias vezes trabalhar em clubes de futebol na área de formação de atletas. Não tinha experiência alguma na área, pois sou graduado em Administração e trabalhava até então com finanças e marketing, tendo realizado apenas alguns trabalhos voluntários durante viagens e alguns cursos de curta duração. Creio que, por isso, nunca recebi uma resposta positiva por parte dos empregadores nesta área. Além disso, minha noção sobre educação era bastante superficial. Assim, segui um conselho de um amigo doutorando, que recomendou que eu fizesse um mestrado em educação, para aprofundar meu conhecimento sobre o tema. Neste momento, ao finalizar este relatório de estágio, olho para trás e valorizo o que vivi nestes últimos dois anos.

As aulas e o contato com pessoas do campo durante o primeiro ano ampliaram a minha visão sobre um universo que antes me era desconhecido. A abundância de possibilidades que se abriu à minha frente me deixou desorientado no começo. Porém, a cada trabalho feito, a cada aula e a cada conversa com meus colegas, tudo ia ficando mais claro, e entendia o quanto poderia usufruir daquela experiência. Obviamente, ainda há pontos cegos em meu conhecimento, e seguirei aprendendo com os livros dos mestres educadores para “reler constantemente a realidade, na qual somos sempre aprendizes” (Smaha & Carlotto, 2010, p. 2). Foi por acaso que, na metade do primeiro ano letivo, esbarrei com a possibilidade de realizar um estágio. O mestrado me deu exatamente aquilo que buscava: a parte teórica e uma primeira experiência profissional numa área onde era um novato. Assim, estágio e aulas se complementaram, pois, como Freire (2003) diz, “a teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (p. 67).

Durante o estágio não realizei todos os projetos que gostaria – como o laboratório de ideias, por exemplo –, pois, além de não ter tido tempo, o projeto demandou outras prioridades. Porém, este tempo nunca deixou de ser de grandes aprendizados, principalmente no período que passei escrevendo este relatório e refletindo sobre qual caminho seguir dentro dessa combinação de educação e desporto. Hoje, tenho claro o quanto a educação integral necessita ser a prioridade em qualquer atividade desportiva e cultural. Nestes últimos meses de confinamento devido à propagação da Covid-19, assisti a uma série chamada *Arremesso Final* que conta a história

profissional de Michael Jordan, grande astro do basquete que jogou no Chicago Bulls nos anos 1980 e 1990. No episódio 2, Jordan e sua mãe dão um exemplo de quanto a educação é importante ao formar um atleta. Ao sair do colégio, tinha algumas propostas de faculdade para ir jogar e sua escolha foi em função do lugar onde melhor poderia se formar integralmente. Ambos estavam, antes de tudo, preocupados com a sua formação como indivíduo, e não apenas como jogador. Em 2009, já aposentado e considerado por uns o melhor jogador de basquete de todos os tempos, e por outros – inclusive eu – o maior atleta da história, ao entrar para o *Hall of Fame*, agradece pessoalmente, em seu discurso, a seu técnico nos anos de faculdade. Diz que levou para toda a carreira os aprendizados éticos que teve naqueles primeiros anos de vida esportiva. Para além disso, agradece a sua família e nomeia todos os companheiros e oponentes que teve como profissional ao longo dos anos que contribuíram para sua formação das mais diversas formas, mostrando a importância da educação não formal, “aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (Gohn, 2014, p. 35) para o desenvolvimento do seu caráter.

Portanto, quando se trata de projetos socioeducativos, em qualquer nível de organização, seja não governamental ou clubes de futebol, é preciso apresentar um trabalho consistente, com embasamento teórico e práticas transformadoras. O intuito pode ser o de transformar a vida desses jovens e não apenas adaptá-los ao modelo vigente, promovendo a sua autonomia. Continuarei buscando isto através de estudos e experiências, pois como diz Freire (2011), “minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história” (p. 53). Um espaço de aprendizagem é um local com a possibilidade de transformação, juntamente estruturada com a realidade social, numa união com o trabalho, para uma formação que leve em conta a organização histórica da sociedade. Como Marinho (2014) comenta, nossos modelos educativos não podem existir para

ajustar a criança ao conformismo de um meio familiar, social ou estatal, nem limitar-se a adaptá-la à função ou ao papel que, adulta, desempenhará. Este processo de autocriação é, sem sombra de dúvidas, a aposta real no homem e na sua nobreza (p. 23).

Após refletir sobre tudo que escrevi, observo que tanto os clubes profissionais quanto os amadores não estão, no geral, focados na educação integral dos jovens. Educando-os para o

mercado de trabalho, com técnicos não aptos, através de repetições, para citar alguns exemplos vistos na teoria e na prática, o intuito é domesticá-los. Ao fazer isso, os jovens não se tornam melhores jogadores, mas apenas se aperfeiçoam como atletas, perdendo a capacidade de gerir a imprevisibilidade que é parte inerente do desporto e da vida.

Mesmo com exemplos, como o Sadin Mané, hoje considerado entre os 10 melhores do mundo que “até aos 15 anos jogou nas ruas do Senegal e só com essa idade avançou para uma academia na França” (Pimpim, 2019, p. 28), nos mostrando a importância de uma educação não formal, nossos dirigentes não pensam em mudar o formato existente. E por que será? Será que o plano deles é formar cidadãos ou é apenas para torná-los jogadores mais adaptáveis ao sistema e mais fáceis de serem manipulados?

É preciso uma educação que ofereça possibilidades de se trabalhar a construção de valores, como o respeito e a solidariedade, que colaboram para termos indivíduos que atuam na construção de um mundo mais harmônico; que forma indivíduos mais críticos com os problemas do mundo e mais propensos a melhorá-los; que valorizem pessoas que tenham em seu cerne a paz como resposta para resolver as dificuldades que possam lhes aparecer e considerem suas atitudes pensando se não vão causar mal aos outros. Em tempos em que os seres humanos encontram-se “abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por ‘relacionar-se’” (Bauman, 2006, p. 8), é necessário redimensionar as prioridades da nossa educação.

A escola e o desenvolvimento de habilidades cognitivas através da repetição também fazem parte do aprendizado. Entretanto, precisamos entender que não somos robôs e, mais ainda, levar em consideração todas as dificuldades que esses jovens aspirantes a jogador passam desde que nascem, e oferecer uma formação integrando também o lado emocional, pois “só a sensibilidade do humano é capaz de acalantar o dia mais cinzento” (Marinho, 2014, p. 21).

Recentemente, o ex-jogador Adriano, chamado de Imperador na Itália por seus feitos dentro de campo, escreveu uma carta, divulgada pelo jornalista Lobo, do site Trivela, onde diz que o futebol o deu “autoestima, objetivos na vida, determinação e equilíbrio” (2020, § 16). Para meninos como ele que foram criados na favela sem nenhuma oportunidade na vida, o desporto é sinônimo de esperança e humanidade. Por isso a importância de se ter um olhar para além do capital, que só visa a performance e as vitórias, pois esta compreensão do jogo “sabota o dom que

é ofertado em campo, e transforma os seus personagens apenas em bodes expiatórios que dependem do resultado para serem salvos ou linchados” (Bozsik, 2018, § 8). O desporto é feito para ser aproveitado por todos: atletas, torcida, pobres, ricos etc. É um sentimento que não é preciso entender, mas tão somente viver. Como diz Freitas (2017), “não é só um jogo de futebol: significa reencontrar amigos, familiares. Dividir emoções e afetos” (p. 139). Jogar e torcer não é apenas gritar ‘é campeão’, é estar ao lado de entes queridos e dividir momentos que se tornarão eternos. É deste jeito que quero tratar o desporto daqui para frente, trabalhando sempre para prover esses jovens com uma educação emancipadora.

Este mestrado foi apenas um primeiro passo de uma longa caminhada. Descobri que eu, assim como todos os homens,

... pouco sabem de si, de seu posto no ‘cosmos’, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas resposta os levam a novas perguntas. (Freire, 2014, p. 95)

O futebol me acompanhou desde sempre e me ensinou a viver. Reviver estes momentos e suas importâncias durante a escrita desse relatório, me ajudou a entender para onde quero seguir na minha vida profissional e quais valores quero passar através da educação não formal aos jovens aspirantes brasileiros para que se formem integralmente e deixem de ser apenas produtos, fazendo-se “sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador ‘bancário’, (que) supera também a falsa consciência do mundo” (Freire, 2014, p. 105). E, me levaram a novas perguntas, cujas novas resposta continuarei a buscar, e assim por diante.

BIBLIOGRAFIA

Alves, R. (2008). *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Editora Planeta.

Amiguinho, A. (2005). Educação em meio rural e desenvolvimento local. *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (2), 7-43.

Arede, J., Cabral, R., Nunes, R., Santos, R. & Pereira, A. (2014) Treinadores de Excelência: Características Diferenciadoras. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 5 (1), 33-42.

Baibich, A. (2016, Maio 14). Rotina de cobranças e privações pode desencadear depressão entre atletas de alto rendimento. Disponível em <https://bit.ly/2TwNBWV>

Banks, J. A. 2004. Teaching for Social Justice, Diversity, and Citizenship in a Global World. *The Education Forum*, 68, 289-298.

Barreto, A. P. (2008). *Terapia Comunitária: passo a passo. 4ª ed. revista e ampliada*. Fortaleza: Gráfica LCR.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2006). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa: Relógio d'Água.

Bauman, Z. (2015). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Betti, M. (1993). Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 7 (2), 44-51.

Bernardo, A.R.A.G. (2015). *Intervenção Comunitária numa Associação – Os Desafios da Educação Não Formal*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Blades, R., Fauth, B. & Gibb, J. (2012) *Measuring Employability Skills: A rapid review to inform development of tools for project evaluation*. Londres, Inglaterra: NCB.

Bonsanti, B. (2016, Março 11). Sérgio Vieira, técnico da Ferroviária: “No Brasil, o estudo do futebol não é tão profundo”. Disponível em <https://bit.ly/3dzgIkY>

Bozsik, J. (2018, Julho 16). Até logo: a bola é do tamanho da literatura universal [web log post]. Disponível em <https://bit.ly/3dsajlh>

Bracht, V. (2005) *Sociologia crítica do desporto: uma introdução* (3ª ed.). Ijuí: Editora Unijuí.

Camargo, T.D., & Souza, D.O. (2017, julho). *A educação integral como possibilitadora da construção da cultura da paz e de uma ética universal*. Comunicação apresentada na conferência XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis.

Carvalho, A., & Carvalho, G. (2006). *Educação para a saúde: Conceitos, práticas e necessidades de formação*. Loures: Lusociência.

CBF. (2020). CBF registra receita e investimento recordes em 2019. Disponível em <https://bit.ly/2UImgYw>

Bielsa, M. (2015). *Los 11 caminos al gol*. Buenos Aires: Sudamericana.

Brasil. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC, SEB, DICEI.

Canário, R. (2009). *Máscaras prisões liberdades e cifrões*. Lisboa: Casa da Achada.

Cruyff, J. (2012) *Fútbol. Mi Filosofía*. Barcelona: Ediciones B.

‘Daniel Alves critica pressa do futebol nacional e fala de choque cultural: "Não somos patriotas"’. (2019, Outubro 26). *Sportv*. Disponível em <https://glo.bo/2WOXZfi>

Dantas, D. (2019, Junho 29). Tabarez deixa humildade como legado no Uruguai 30 anos após primeira Copa América. Disponível em <https://glo.bo/2xrbAyy>

De Querol, R. (2016, Janeiro 8). Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. Disponível em <https://bit.ly/2KNZVx5>

Deboosere, P., Eggerickx, T., Van Hecke, E., & Wayens, B. (2009). *The Population of Brussels: a demographic overview*. Retirado de <https://doi.org/10.4000/brussels.891>

‘Em relatório, CBF aponta que 96% dos atletas ganham menos de R\$ 5 mil’. (2016, Fevereiro 23). *Globoesporte*. Disponível em <https://glo.bo/2QK3DLG>

Emer, J. (2014) Os benefícios pedagógicos que o desporto pode trazer como mais uma alternativa na socialização e formação de adolescentes e jovens (Monografia). Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

Filho, M. (2010) *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda.

Foer, F. (2005). *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freire, P. (1977). *Ação Cultural para a Libertação e Outros Escritos*. Lisboa: Moraes Editores.

Freire, P. (1993). *Política e educação*. São Paulo: Cortez

- Freire, P. (2003). *A educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, J.B. (2011). *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Editora Autores Associados Ltda.
- Freitas, A.M.C. (2017). *Não é só futebol: uma análise dos laços de afetos que envolvem os torcedores do Clube do Remo, a partir dos processos socioculturais comunicativos*. Dissertação de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia. Universidade Federal do Pará, Brasil.
- Gadotti, M. (2005). *A questão da educação formal / não formal*. Disponível em <https://bit.ly/34nftBv>
- Gadotti, M. (2009). *Educação Integral no Brasil – Inovações em Processo*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire.
- Galeano, E. (2014, 20 de abril). Messi e Neymar são verdadeiros milagres. *Estado de São Paulo*, p. 78.
- Germano, P. (2009, Setembro 21). Jogadores sofrem com medos e dúvidas quando pensam em encerrar carreira. Disponível em <https://bit.ly/2UkEfhU>
- Gohn, M. G. M. (2014). *Educação Não Formal, aprendizagens e saberes em processos participativos*. Investigar em Educação, II Série, v. 1, 35-50.
- Gonçalves, M. A. S. (1994). *Sentir, Pensar, Agir. Corporeidade e Educação*. Campinas: Papirus.
- Hartmann, D. (2003). Theorizing sport as social intervention: A view from the grassroots. *Quest*, 55(2), 118-140.

Hornby, N. (2013). *Febre de Bola*. São Paulo: Companhia das Letras.

Huizinga, J. (2008). *Homo Ludens: o Jogo como Elemento na Cultura*. São Paulo: Perspectiva.

Kuper, S. (2003). *Football against the enemy*. Londres: Orion Publishing Co

Lobo, F. (2020, Maio 4). Adriano: “A morte do meu pai deixou um vazio irreparável na minha vida”. Disponível em <https://bit.ly/2A0WEsm>

Magri, D. (2019). Liga das Canelas Pretas, o torneio antirracista nos primórdios do futebol gaúcho. *El País*. Retirado de <https://bit.ly/2Upio95>.

Marques, M. P. & Samulski, D. M. (2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sociofamiliar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, 23(2), 103-119.

Marsh, H. W., & Kleitman, S. (2003). School athletic participation: Mostly gain with little pain. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25(2), 205-228.

Marinho, T (2014). Da Natureza Poética do Desporto: Para uma Formação da Sensibilidade Estética. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 5 (1), 19-24.

Martinho, F. (2019). Claudio Carsughi: Memórias de um “jornalista brasileiro”. *Corner*, 8, 58-53.

Melo, L. B. S. (2010) *Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho Rio de Janeiro, Brasil.

‘Metade dos jogadores encerra carreira na falência diz consultor alemão’. (2011, Janeiro 26). *Globoesporte*. Disponível em <https://glo.bo/3cYLF1P>

Mészáros, I. (2005). *Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial

North, P. (2015). *Icelandic Youth*. Acedido em 30 de maio de 2019, no website da: Volteface: <https://volteface.me/publications/iceland-report/>

Novos Alunos. (2016, Dezembro 7). É brincando que se aprende: a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Disponível em <http://bit.ly/3bSqFca>

Passeggi, M., Nascimento, G., & Oliveira, R. (2016). As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, 22, 111-125.

Pimpim, J. (2019, 3 de novembro). Não queremos nem classificações nem campeões até aos sub-11. *A Bola*, 28.

Pires, B. (2018, Janeiro 21). Cicinho: “Me preparei para chegar ao sucesso, mas não para mantê-lo”. Disponível em <https://bit.ly/2QIfqdx>

Poussin, C. (2019). Maria Montessori insistait sur le besoin de mouvement omniprésnt. *Sport et Citoyenneté – Le Sport au service de la société*, 45, 34.

Queiroga, F.B.A., & Mendes, D. N. (2016). Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, em Aruçuaí: O empodimento na prática. GV Pesquisa – Conexão Local. Fundação Getúlio Vargas, Brasil.

Ratcliff, A. & Thériault, A. (2020, Janeiro 20). World’s billionaires have more wealth than 4.6 billion people. Disponível em <https://bit.ly/2ZrMD1T>

Rigolin, L. (20--). A maioria dos atletas vem das periferias. Disponível em <https://glo.bo/2yq53VP>

Rocha, S. (2006) A pedagogia da roda. *Boletín Espacio para la infancia*, 24-29.

Rocha, S. (2019) *Folclore Roteiro de Pesquisa*. Belo Horizonte: CPCD.

Roque Amaro, R. (2009). Desenvolvimento local. In A. D. Cattani, J.- L. Lavelle, L. I Gaiger & P. Hespanha (coords.), *Dicionário Internacional da Outra Economia* (pp. 108-113). Coimbra: Almedina e CES.

Sabaini, P. (2018). Os esportes mais famosos em cada país da Copa 2018 [web log post]. Disponível em <https://bit.ly/2TFcGdC>

Sadi, R.S., Daolio, J., Brito, M., Azevedo, A.A., Suassuna, S., & Souza, A. (2004). *Desporto e Sociedade. Centro de Educação a Distância, Universidade de Brasília*.

Sales, A. (2019). *Relatório: educação e as categorias de base*. Acedido em 4 de novembro de 2019 em <http://bit.ly/indubase>

Sam, D. L., & Berry, J. W. (2006). *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Samulski, D. (2002) *Psicologia do desporto: manual para educação física*. Barueri: Manole.

Santana, W.C. (2005) *Pedagogia de desporto na infância e complexidade*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Santin, S. (1987). *Educação Física: uma abordagem filosófica da Corporeidade*. Ijuí: Ed. Unijuí.

Schrage, K. (2014, Junho 5). Reestruturação da base rende à Alemanha uma de suas melhores gerações. Disponível em <https://bit.ly/2xx6Lne>

Smaha, I.N. & Carlotto, C.M. (2010, maio). *Educação Permanente: Da Pedagogia para Saúde*. Comunicação apresentada no VII Seminário do Trabalho, Marília, Brasil.

Silva, V.G. (2011). Trabalho e Formação Humana: Elementos Indissociáveis para a construção de uma concepção histórico-crítica na área educacional. *Revista Labor*, 5 (1), 80 – 92.

Silva, H. T. (2019). João Couto, a velha raposa que ajudou a construir Cristiano: “Um campeonato nacional vale muito menos do que uma formação como deve ser”. *Tribuna Expresso*. Acedido em 5 de outubro de 2019 em <http://bit.ly/jocousport>

Simas, L.A. (2018, Julho 3). Educação do corpos cariocas. Disponível em <https://glo.bo/2SHn6Ne>

Toledo, L. H. (2000). *Lógicas do futebol, dimensões simbólicas de um desporto nacional*. Tese de Doutoramento em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, Brasil.

Tostão (2019, 10 de novembro). Entre duas batidas do coração. *Folha de São Paulo*, p. 46.

Tough, P. (2012). *Um questão de caráter*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda.

Trilla, J. e Elie, G. (2008). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus,

Vieira, M., Fernando, C., Apolinário, J. & Lopes, H. (2014). Os Desportos de Combate Enquanto Meio de Transformação do Homem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 5 (1), 43-48.

Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais – Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Lisboa: Edições Colibri.

Vygotsky, L. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Walsh, J. (2004). *Development and application of expertise in elite-level coaches*. Tese de Doutoramento em Filosofia. Victoria University, Melbourne.

Young, E. (2017). *Iceland knows how to stop teen substance abuse but the rest of the world isn't listening*. Disponível em <https://bit.ly/3jy7sjF>

Zaluar, A. (1994) *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo: Escuta.

Zarko, R. (2019, Dezembro 14). Clubes pagaram R\$ 1 bi em salários em 2018; 7% dos atletas concentram R\$ 800 milhões. Disponível em <https://glo.bo/2wIo3xV>

ANEXOS

PESQUISA VOLUNTÁRIOS

- 1- Nome e sobrenome.
- 2- Qual sua idade?
- 3- Em qual clube joga?
- 4- Qual a sua escolaridade?
- 5- Você trabalha atualmente?
- 6- Se sim, aonde?
- 7- Está à procura de trabalho?
- 8- Tem preferência do ramo em qual quer trabalhar?
- 9- Está à procura de alguma formação específica?
- 10- Se sim, qual?
- 11- Contato: telefone ou e-mail.